



**Ensino das Artes Visuais**

**Maria João Soares da Silva**

*Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico*

Orientado por  
**Professora Adjunta Maria Helena Pires César Canotilho**

Bragança  
2010

## **Ensino das Artes Visuais**

**Maria João Soares da Silva**

*Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico*

Orientado por  
**Professora Adjunta Maria Helena Pires César Canotilho**

Este relatório final tem como natureza procurar metodologias para a sensibilização e implementação das técnicas de gravura e impressão, uma área de exploração da disciplina de Educação Visual no 3º ciclo do Ensino Básico.

Reúne alguma bibliografia sobre o tema e estuda o interesse e o conhecimento dos alunos para participarem num ateliê. Por último é elaborado um projecto para implementar um ateliê na Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.

DEDICATÓRIA

*A todos que acreditam em mim e me acompanham dia-a-dia.  
In memoriam aos meus avós, que continuam comigo.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Helena pela disponibilidade e rigor científico.

Ao Doutor Luís Canotilho, porque me fez sorrir nos momentos de maior pressão.

À Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.

Aos alunos que colaboraram no presente estudo.

Aos meus familiares mãe, pai e Raquel que os privei da minha companhia.

A ti Filipe, pelo acompanhamento e carinho constante.

Aos meus amigos e principalmente às minhas companheiras de jornada Paula e Elza.

Para todos que ao longo desta caminhada me demonstraram o seu carinho, me deram ânimo e tiveram sempre palavras de apreço...

**Um muito obrigado.**

## **RESUMO**

Este relatório procura metodologias para a sensibilização e implementação das Técnicas de Gravura e Impressão.

Pretende-se alcançar uma solução, que passa pela criação de um ateliê.

Para recolha dos dados foi elaborado e aplicado um questionário, que contou com a participação de 69 alunos do 3º ciclo da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.

Os resultados alcançados permitiram caracterizar a amostra sendo que a maioria dos alunos se encontra na faixa etária dos 13 aos 14 anos; a maioria encontra-se no 7º ano de escolaridade, e 54% dos alunos pertencem ao sexo feminino. Da mesma forma, concluímos que apenas as hipóteses que relacionam as variáveis sócio-demográficas idade, ano de escolaridade e sexo com a necessidade dos alunos da abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão são validadas, através do teste do Qui-quadrado de Pearson.

Relativamente aos objectivos que inicialmente nos propusemos alcançar consideramos que, na aplicação do questionário se verifica que os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico possuem apenas alguns conhecimentos acerca das técnicas de gravação e impressão, muito provavelmente porque alguns dos itens referidos no questionário não foram ainda abordados em contexto de sala de aula.

No entanto, a maioria dos alunos consideram importante a sua participação num ateliê de expressão plástica e reconhecem as suas necessidades ao nível da abordagem das áreas de exploração.

## **ABSTRACT**

This report seeks to raise awareness methodologies and implementation techniques of Engraving and Printing.

It is intended to reach a solution, which involves creating a studio.

For data collection was elaborated and applied a questionnaire that included the participation of 69 students from the 3rd cycle of Escola EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.

The results obtained allow us to characterize the sample and the majority of students is aged 13 to 14 years, the majority is in 7th grade, and 54% of students were female. Likewise, we conclude that only the hypotheses that relate the socio-demographic variables age, years of schooling and sex with the need for students to approach the exploration areas and gravure printing are validated by the chi-square test.

In regard to the objectives initially set to achieve we believe that, in applying the questionnaire, it appears that the students of the 3rd cycle of basic education have only some knowledge of techniques of recording and printing, most likely because some of the items listed in the questionnaire have not yet been addressed in the context of the classroom.

However, most students value their participation in a workshop of artistic expression and recognize their needs in terms of addressing the areas of exploration.

## **ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS**

| <b>Sigla</b> | <b>Nomenclatura</b>            |
|--------------|--------------------------------|
| cm           | Centímetros                    |
| E.B.         | Ensino Básico                  |
| E.V.         | Educação Visual                |
| gr           | Gramas                         |
| ME           | Ministério da Educação         |
| TOA          | Tempos para Outras Actividades |

Tabela 1 – Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Ilustração 1 – Monotipia.....   | 21 |
| Ilustração 2 – Colagrafagem.....  | 22 |
| Ilustração 3 - Xilogravura.....   | 23 |
| Ilustração 4 – Frottage.....  | 24 |
| Ilustração 5 – Linogravura.....   | 25 |
| Ilustração 6 – Serigrafia.....  | 27 |
| Ilustração 7 – Carimbagem.....  | 28 |
| Ilustração 8 – Calcografia.....   | 29 |
| Ilustração 9 – Litografia.....  | 30 |
| Ilustração 10 – Distribuição dos alunos por idades.....   | 36 |
| Ilustração 11 – Distribuição dos alunos por ano de escolaridade.....                                | 36 |
| Ilustração 12 – Distribuição dos alunos por sexo.....   | 37 |
| Ilustração 13 – Abordagem das áreas de exploração.....  | 37 |
| Ilustração 14 – Necessidade de abordagem do ponto de vista dos alunos da área de exploração         |    |
| Gravura e Impressão.....  | 38 |
| Ilustração 15 – Atribuição de sinónimos a técnicas de gravura.....                                  | 39 |
| Ilustração 16 – Percentagem de alunos que gostavam de frequentar um ateliê.....                     | 40 |
| Ilustração 17 - Técnicas de gravura e impressão preferidas pelos alunos.....                        | 41 |
| Ilustração 18 - Mapa de Portugal com a localização dos Concelhos.....                               | 48 |
| Ilustração 19 - Vista panorâmica de Freixo de Espada à Cinta.....                                   | 49 |
| Ilustração 20 - Pelourinho, Torre heptagonal, Amendoeira e Estatua do Poeta Guerra Junqueiro.....   | 49 |
| Ilustração 21 - Mapa do Distrito de Bragança e Freguesias concelho de Freixo de Espada à Cinta..... | 50 |
| Ilustração 22 - E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.....   | 52 |
| Ilustração 23 - Planta do 1º andar - Bloco A, da EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.....            | 53 |
| Ilustração 24 -Planta da sala para o ateliê.....  | 60 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Lista de abreviaturas, siglas e símbolos .....  | 7  |
| Tabela 2 – Aspectos ensino-aprendizagem em E.V. ....   | 15 |
| Tabela 3 – Tabela com Área de Exploração e Conteúdos de Educação Visual 3º ciclo do E.B. ....              | 16 |
| Tabela 4 - Idade * Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão .....  | 42 |
| Tabela 5 – Teste do Qui-Quadrado .....   | 42 |
| Tabela 6 – Ano de escolaridade * Necessidade de abordagem da área de exploração: gravura e impressão ..... | 42 |
| Tabela 7 – Teste do Qui-Quadrado .....   | 43 |
| Tabela 8 – Sexo * Necessidade abordagem dos alunos da área de exploração gravura e impressão ..            | 43 |
| Tabela 9 – Teste do Qui-Quadrado .....   | 43 |
| Tabela 10 – Correlação entre a Idade * Gostavas de frequentar um ateliê? .....                             | 44 |
| Tabela 11 – Teste do Qui-quadrado .....  | 44 |
| Tabela 12 – Ano de escolaridade * Gostavas de frequentar um ateliê? .....                                  | 44 |
| Tabela 13 - Teste do Qui-quadrado .....  | 44 |
| Tabela 14 – Sexo * Gostavas de frequentar um ateliê?.....  | 45 |
| Tabela 15 – Teste do Qui-quadrado .....  | 45 |
| Tabela 16 - Material necessário para o ateliê .....  | 57 |
| Tabela 17 - Material existente na escola .....   | 58 |
| Tabela 18 - Orçamento do material para adquirir .....  | 59 |
| Tabela 19 - Legenda do material utilizado na planta da sala .....  | 61 |
| Tabela 20 – Plano de actividades do ateliê.....  | 62 |
| Tabela 21 – Plano de tempo do ateliê 1º período .....  | 63 |
| Tabela 22 – Plano de tempo do ateliê 2º período .....  | 63 |
| Tabela 23 – Plano de tempo do ateliê 3º período .....  | 63 |
| Tabela 24 – Calendarização da técnica de Linogravura .....   | 64 |
| Tabela 25 – Calendarização da técnica de Calcografia .....   | 65 |
| Tabela 26 – Calendarização da técnica de Serigrafia.....   | 66 |

# ÍNDICE

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 REVISÃO DA LITERATURA</b>   | <b>12</b> |
| 1.1 Áreas de exploração de Educação Visual no 3º ciclo                                 | 12        |
| 1.2 Importância da área de explorações técnicas de gravura e impressão                 | 17        |
| 1.3 O ateliê como espaço de aprendizagem   | 19        |
| 1.4 Técnicas de gravura e impressão  | 21        |
| 1.4.1 Monotipia  | 21        |
| 1.4.2 Colagrafagem   | 22        |
| 1.4.3 Xilogravura  | 23        |
| 1.4.4 Frottage   | 24        |
| 1.4.5 Linogravura  | 25        |
| 1.4.6 Serigrafia   | 27        |
| 1.4.7 Carimbagem   | 28        |
| 1.4.8 Calcografia  | 29        |
| 1.4.9 Litografia   | 30        |
| <b>2 MÉTODO</b>  | <b>31</b> |
| 2.1 Participantes (ou Amostra)   | 32        |
| 2.2 Procedimento – questionário  | 32        |
| <b>3 RESULTADOS</b>  | <b>36</b> |
| 3.1 Gráfico de distribuição dos alunos por idade                                       | 36        |
| 3.2 Gráfico de distribuição dos alunos por ano de escolaridade                         | 36        |
| 3.3 Gráfico de distribuição dos alunos por sexo  | 37        |
| 3.4 Gráfico das áreas de exploração mais abordadas                                     | 37        |
| 3.5 Gráfico da necessidade de abordagem da área de exploração: Gravura e Impressão     | 38        |
| 3.6 Gráfico da atribuição de sinónimos adequados aos conceitos                         | 39        |
| 3.7 Gráfico do interesse de frequência de um ateliê de técnicas de gravura e impressão | 40        |
| 3.8 Gráfico das técnicas de gravura e impressão preferidas pelos alunos                | 41        |
| <b>4 DISCUSSÃO</b>   | <b>42</b> |
| 4.1 Análise das Hipóteses  | 42        |
| <b>5 CONCLUSÕES</b>  | <b>47</b> |
| <b>6 PROJECTO PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UM ATELIÊ DE GRAVURA E IMPRESSÃO</b>               | <b>48</b> |
| 6.1 Responsável pelo ateliê  | 48        |
| 6.2 Área de intervenção  | 48        |
| 6.2.1 Caracterização do Meio   | 48        |
| 6.2.2 Caracterização do Agrupamento de Escolas de Freixo de Espada à Cinta             | 51        |
| 6.2.3 Caracterização da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta                    | 52        |
| 6.2.4 Planta do 1º andar da escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta                | 53        |
| 6.2.5 Local Onde se Vai Implementar o Ateliê   | 53        |
| 6.3 Parcerias  | 54        |
| 6.4 Público-alvo   | 54        |
| 6.5 Objectivos   | 54        |
| 6.6 Estratégias  | 55        |
| 6.7 Metodologias   | 55        |
| 6.8 Avaliação dos alunos   | 56        |
| 6.9 Resultados esperados   | 56        |

|  |           |
|--|-----------|
| 6.10 Material necessário para a implementação do ateliê  | 57        |
| 6.11 Orçamento do material a adquirir                    | 58        |
| 6.11.1 Material já existente na escola                   | 58        |
| 6.11.2 Material para adquirir                            | 59        |
| 6.12 Planta da sala para o ateliê                        | 60        |
| 6.13 Plano de actividades do ateliê                      | 62        |
| 6.14 Plano de tempo do ateliê                            | 63        |
| 6.15 Calendarização das técnicas a implementar no Ateliê | 64        |
| 6.15.1 Calendarização da técnica Lionogravura            | 64        |
| 6.15.2 Calendarização da técnica Calcografia             | 65        |
| 6.15.3 Calendarização da técnica Serigrafia              | 66        |
| <b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b>                      | <b>67</b> |
| <b>APENDICES</b>   | <b>72</b> |

# 1 REVISÃO DA LITERATURA

## 1.1 ÁREAS DE EXPLORAÇÃO DE EDUCAÇÃO VISUAL NO 3º CICLO

Na E.V. (Educação Visual) do 3º ciclo do E.B. (Ensino Básico) o programa é constituído como proposta única para todo o ciclo, os conteúdos são por natureza interligados e autónomos o que leva a que cada professor o possa traduzir com diferentes abordagens e sequências de planificação.

Esta disciplina só tem frequência obrigatória no 7º e 8º ano de escolaridade, sendo no 9º ano é uma disciplina de escolha do aluno, logo, o professor deve planificar contando com apenas os dois anos de frequência obrigatória, de forma a que, os alunos ao terminar este ciclo tenham adquirido aprendizagens básicas consistentes.

A E.V. é fundamental para a educação global do cidadão, pois esta é uma área do saber fundamental para a organização de situações formais e não formais de aprendizagem dos elementos visuais.

Os indivíduos devem desenvolver o poder de discriminação das formas, sendo capaz de analisar com espírito crítico o património artístico e cultural.

A E.V. deve promover uma integração de saberes no âmbito das teorias da arte, da estética e da educação. Esta tem três dimensões essenciais para o desenvolvimento humano ao nível das artes, são elas: o sentir; o agir e o conhecer. Estas dimensões são desenvolvidas com o conhecimento e manuseamento de técnicas e materiais. Os discentes da E.V. devem ser criadores e fruidores.

A E.V. deve intervir na realidade cultural onde a escola está inserida, os alunos devem ser conhecedores do seu meio envolvente.

O método de resolução de problemas pode ser usado mas dele não devem surgir soluções utilitárias, negligenciando-se por vezes a valorização de soluções utilitárias.

O facto de no Currículo Nacional do Ensino Básico as competências específicas estarem organizadas de uma forma estruturada, não significa que o professor tenha que seguir essa ordem.

Esta disciplina deve ser leccionada tendo em conta a comunidade, o projecto educativo de escola e as características dos alunos, devem ser aplicadas dinâmicas pedagógicas que sejam eficazes, integrando as aprendizagens e produções em processo de reflexão e intervenção.

### **Dimensões das competências específicas**

As competências que o aluno deve adquirir, ao longo do ensino básico, de modo a que possa assumir uma atitude positiva face à actividade intelectual (atitudes e valores, investigação e projecção) e ao trabalho prático (realização), articulam-se em três eixos estruturantes – fruição -contemplanção, produção - criação, reflexão - interpretação.

**Competências que o aluno deve adquirir no domínio da Fruição – contemplanção segundo o Currículo Nacional do E.B. (2001)**

*“O aluno deve reconhecer a importância das artes visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano, reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado, conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico, identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes*

*Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional e reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular.” (p.157).*

**Competências** que o aluno deve adquirir no domínio da **Produção – criação** segundo o **Currículo Nacional do E.B. (2001)**:

*“O aluno deve utilizar diferentes meios expressivos de representação Compreender e utilizar diferentes modos de dar forma baseados na observação das criações da natureza e do homem, realizar produções plásticas usando os elementos da comunicação e da forma visual, usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica, interpretar os significados expressivos e comunicativos das Artes Visuais e os processos subjacentes à sua criação.” (p.157).*

**Competências** que o aluno deve adquirir no domínio da **Reflexão – interpretação** segundo o **Currículo Nacional do E.B. (2001)**:

*“O aluno deve reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes, desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito das Artes Visuais, compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos, analisar criticamente os valores de consumo veiculados nas mensagens visuais e conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.” (p.157).*

### **Competências Específicas de E.V.**

Para a operacionalização e articulação dos três eixos acima supracitados e por uma questão metodológica enumeram-se dois domínios das competências específicas: a comunicação visual e os elementos da forma.

Competências específicas para o 3º ciclo do E.B. **Comunicação visual**, segundo o **Currículo Nacional do E.B. (2001)**

*“o aluno deve interpretar narrativas visuais, traduzir diferentes narrativas em imagens, conceber objectos plásticos em função de mensagens, identificar e descodificar mensagens visuais, interpretando códigos específicos, utilizar processos convencionais de comunicação na construção de objectos gráficos, aplicar, de forma funcional, diferentes códigos visuais, utilizar códigos de representação normalizada e convencional em diferentes projectos.” (158)*

Competências específicas para o 3º ciclo do E.B. **Elementos da forma**, segundo o **Currículo Nacional do E.B. (2001)**

*“ o aluno precisa identificar e experimentar diferentes modos de representar a figura humana, compreender as relações do seu corpo com os diferentes objectos integrados no espaço visual, reconhecer diferentes formas de representação do espaço, organizar formalmente espaços bidimensionais e tridimensionais, utilizar conhecimentos sobre a compreensão e representação do espaço nas suas produções, identificar os elementos integrantes da expressão visual – linha, textura e cor, compreender e utilizar intencionalmente a estrutura das formas através da interpretação dos seus elementos, relacionar as formas com os factores condicionantes – físicos, funcionais e expressivos da matéria, compreender a natureza da cor e a sua relação com a luz, aplicando os conhecimentos nas suas experimentações plásticas. ” (p.159)*

A nível das experiências de aprendizagem em Educação Visual, os diferentes conteúdos não necessitam de ser abordados de uma forma sequencial, como já foi referido em cima, o facto das competências específicas se encontrarem organizadas de acordo com uma determinada estrutura não significa que seja essa ordem a seguir.

**Experiências de aprendizagem**, que se devem contemplar no desenvolvimento curricular:  
**Currículo Nacional do E.B. (2001):**

*“A organização de actividades por unidades de trabalho, entendidas como projectos que implicam um processo e produto final, estruturando-se de forma sistemática, englobando diferentes estratégias de aprendizagem e de avaliação;*

*A metodologia que deve contemplar várias formas de trabalho baseadas em acções de natureza diversa: exposições orais, demonstrações práticas, mostras audiovisuais, investigação bibliográfica, recolhas de objectos e imagens, debates, visitas de estudo, trabalhos de atelier, registos de observação no exterior, frequência de museus e exposições, entre outras;*

*A gestão do tempo de cada unidade de trabalho deve prever que a execução plástica se realize permitindo a consolidação das aprendizagens e a qualidade do produto final;*

*As situações de aprendizagem devem ser contextualizadas, cabendo ao professor orientar as actividades de forma a que os conteúdos a abordar surjam como facilitadores da apreensão dos códigos visuais e estéticos, decorram da dinâmica do projecto e permitam aos alunos realizar aprendizagens significativas;*

*Os temas deverão ser relevantes, actuais e orientados por uma visão de escola aberta ao património artístico e natural, sempre que possível partindo da relação com o meio envolvente, de propostas dos alunos ou da abordagem ao universo das artes visuais em Portugal;*

*A selecção dos meios de expressão visual para a concretização dos trabalhos deverá ser diversificada e permitir, ao longo do percurso escolar do aluno, múltiplas abordagens estético-pedagógicas;*

*As estratégias de ensino devem favorecer o desenvolvimento da comunicação visual individual, a cooperação e a participação em trabalhos colectivos;*

*As opções pedagógicas consideradas na elaboração das planificações devem explorar conceitos associados à compreensão da comunicação visual e dos elementos da forma, desenvolvendo os domínios afectivo, cognitivo e social;*

*O diálogo com a obra de arte constitui um meio privilegiado para abordar com os alunos os diferentes modos de expressão, situando-os num universo alargado, que permite inter-relacionar as referências visuais e técnicas com o contexto social, cultural e histórico, incidindo nas formas da arte contemporânea. (pp.161-162)*

### **Aspectos do Ensino-aprendizagem de E.V.**

As aprendizagens dos conteúdos de referência são tão importantes como a formação de uma cultura artística, um modo de actuar com sensibilidade estética.

**Ser criativo** – explorar sem constrangimento as possibilidades sem um objectivo imediato de elaborar qualquer coisa de definitivo. Propor várias soluções.

**Trabalhar “o modo do artista”** – observar o ambiente – a rua, a paisagem – de modo particular. Olhar o real, pesquisando formas de maneira indiscriminada. Tudo é igualmente importante. Personalizar a obra. Realizar o trabalho de forma a reconhecer-se o autor.

**Ter pensamento lógico** – ser um observador do seu próprio trabalho e modificar, ou corrigir a sua actuação. Saber explicar aquilo que fez e ter uma opinião sobre o trabalho dos outros. Saber criticar o seu trabalho e o dos colegas. Saber aproveitar o trabalho de grupo como modo de ampliar imã experiencia através do enriquecimento que o trabalho dos outros trás a cada um.

| <b>Objectivos deste modos de actuar</b> | <b>Aprendizagens</b>  |
|---|---|
| Desenvolver a percepção, o saber olhar  | Considerar os objectos e as imagens como materiais de expressão       |
| Praticar a expressão – fazer            | Utilizar as formas, os materiais, os objectos e as imagens            |
| Aprender as técnicas                    | Adaptar uma técnica relacionando-a com o efeito                       |
| Saber tirar partido dos processos       | Descobrir os meios de expressão                                       |
| Descobrir o campo actual                | Comparar as suas pesquisas e resultados com os dos artistas plásticos |
| Desenvolver as capacidades criativas    | Realizar uma produção em função de um objectivo definido              |
| Saber julgar/avaliar os seus trabalhos  | Justificar os seus juízos de valor                                    |

Tabela 2 – Aspectos ensino-aprendizagem em E.V.

## Áreas de exploração propostas pelo Currículo Nacional do E.B. (2001):

*“A utilização dos meios de expressão plástica deve ser implementada nos três ciclos do ensino básico, em função das competências e dos projectos pedagógicos das escolas. Propõem-se como áreas dominantes, o desenho, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais e as tecnologias da imagem.” (p.162)*

As áreas de exploração propostas pelo **Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º Ciclo do E.B. (2001)** são: o Desenho; a Pintura; a Escultura; a Banda Desenhada; a Fotografia e Vídeo e a Gravura e Impressão.

Tabela das Áreas de Exploração e dos conteúdos para a disciplina de Educação Visual, 3º ciclo do Ensino Básico.

| GRAVURA E IMPRESSÃO | FOTOGRAFIA E VÍDEO | BANDA DESENHADA | ESCULTURA | PINTURA | DESENHO | CONTEÚDOS                          |             |
|---------------------|--------------------|-----------------|-----------|---------|---------|------------------------------------|-------------|
|                     |                    |                 |           |         |         | Elementos Visuais da Comunicação   | COMUNICAÇÃO |
|                     |                    |                 |           |         |         | Códigos de Comunicação Visual      |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Papel da Imagem na Comunicação     |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | *                                  |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Representação do Espaço            | ESPAÇO      |
|                     |                    |                 |           |         |         | Relação homem/ espaço              |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | *                                  |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Estrutura/ Forma/ Função           | ESTRUTURA   |
|                     |                    |                 |           |         |         | Módulo/ Padrão                     |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | *                                  |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Percepção Visual da Forma          | FORMA       |
|                     |                    |                 |           |         |         | Factores da forma dos objectos     |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Representação técnica de objectos  |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | *                                  |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Conhecimentos Científicos          | LUZ-COR     |
|                     |                    |                 |           |         |         | Luz-Cor na representação do espaço |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | Aplicações                         |             |
|                     |                    |                 |           |         |         | *                                  |             |

Tabela 3 – Tabela com Área de Exploração e Conteúdos de Educação Visual 3º ciclo do E.B.

### Aspectos de Avaliação em Educação Visual:

Os critérios de avaliação pressupõem a definição de objectivos de aprendizagem formulados com os alunos. Devem ser do seu conhecimento e definidos no início de cada ano lectivo, em conselho de grupo disciplinar e contemplar três aspectos essenciais:

**Afectivo** – Aprecia os comportamentos e atitudes bem como o interesse e a projecção do aluno no seu trabalho. Abrange vários aspectos como a assiduidade e a rentabilização do tempo de aula.

**Operativo** – Avalia os meios e métodos de trabalho utilizados. O cumprimento dos prazos estabelecidos para o trabalho é um aspecto importante a contemplar neste parâmetro de avaliação.

**Configurativo** – Aprecia os resultados do trabalho, tendo em atenção não apenas o resultado final, mas também as fases do seu desenvolvimento.

## 1.2 IMPORTÂNCIA DA ÁREA DE EXPLORAÇÕES TÉCNICAS DE GRAVURA E IMPRESSÃO

A gravura é muito conhecida, mas poucas são as pessoas que percebem os seus vários processos e técnicas.

Nesta arte adquire-se uma linguagem visual a partir da impressão de uma imagem num papel resultante de uma matriz que pode ser de madeira, metal, pedra ou outra.

A gravura foi o meio de comunicação social mais antigo do mundo, apenas quando foi descoberto o processo de gravação a partir de uma matriz é que se começou a fazer reproduções em papel, editar livros, folhetos, surge o jornal e etc.

Esta é encantadora, primeiramente pela sua linguagem visual, a extracção da matriz através da impressão e depois pela exclusividade da obra, porque as tiragens são limitadas e feitas artesanalmente como há mais de 1000 anos. A gravura não é uma arte menosprezada ao longo dos tempos, basta que para isso seja bem conservada e assim o seu valor ao longo dos anos tende a subir.

A gravura conquista o bom gosto pelo trabalho artístico, feito manualmente, sem mecanização e em um processo milenar.

De acordo com **Sousa (2003)**, a gravura esteve sempre presente ao longo dos tempos, sendo as de Foz Côa, um exemplo claro de gravuras pré-históricas. Assim, o mesmo autor (2003) refere que:

*“Até meados do século XVII, quase todas as obras de gravura artística em Portugal, eram de origem estrangeira ou efectuadas por estrangeiros. É só no reinado de D. José, com a criação da Imprensa Régia, que Joaquim Carneiro da Silva é nomeado mestre de uma aula de gravura. Deve-se a ele também a introdução da gravação em metal, com buril e água forte (anteriormente apenas se utilizava a gravação em madeira).” (p.290)*

A gravura foi, em 1802, institucionalizada, isto é, foi criada uma escola de gravação cujos mestres desenvolveram os métodos de ponteador, de buril e de talhe doce. Posteriormente, em 1836, são incluídas disciplinas em cursos da Academia e Belas Artes. Em 1956 é fundada a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses Sousa, (2003).

O mesmo autor **Sousa (2003)**, define gravura como a técnica que:

*“(...) consiste em gravar, escavando, um desenho. (...) Conforme a natureza do material, assim a ferramenta que se emprega para nele efectuar gravações. A gravura é, por si só, uma arte, mas aplicando-se tinta à superfície gravada, pode-se torná-la um modo de impressão, podendo-se efectuar várias cópias iguais da gravação original, bastando colocar-lhe um papel em cima.” (p. 289)*

Da mesma forma, **Sousa (2003)**, define também a impressão como:

*“Embora a impressão seja na sua generalidade um processo de reprodução, esta constitui também uma dimensão da arte. A linogravura, a xilogravura e outras técnicas de gravação podem bastar-se por si como obras*

*de arte ou podem dar origem a artes como a carimbagem, a estampagem e a impressão tipográfica.” (p.289)*

O mesmo autor **(2003)** compara e caracteriza a gravação-impressão na escola quando refere que:

*“Uma das grandes diferenças entre educação pela arte e artes na educação, no âmbito da técnica de gravação-impressão, é que na segunda é executado primeiro um desenho no papel, (...), que a criança deverá copiar com papel químico para o suporte e executar. O objectivo é a técnica em si, a gravação e a impressão.*

*Na educação pela arte, sendo o objectivo a expressão-criação da criança e a técnica apenas o meio de o proporcionar, a criança grava directamente no suporte, efectuando com essa acção a sua expressão e criando o que a mente e a mão lhe forem sugerindo. A criação é inteiramente sua e imediatamente transmitida para o material com que está a trabalhar.” (p.290)*

Considerando que a criança deverá aprender também a lidar, organizar e manusear os equipamentos e materiais para a execução da gravação e impressão, **Sousa (2003)** refere que:

*“A tinta deverá ser preparada (...) sobre uma placa (...) com uma espátula, antes de se embeber o rolo nela, passando-o várias vezes por cima da tinta, para que se lhe adira bem e de modo uniforme. O local de trabalho deverá ser arejado, mantendo-se sempre em impecável estado de limpeza, bem como todo o equipamento. A protecção das mesas de trabalhos e a limpeza de todos os materiais utilizados deverão constituir hábitos de rotina.” (p.291)*

### 1.3 O ATELIÊ COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Um ateliê é um sítio que visa proporcionar a experimentação, a manipulação e produção de um ou mais tipos de arte.

Para Helena Almeida:

*“O ateliê é (...) muito mais que o espaço de trabalho. Muito mais do que o espaço onde se tira as fotografias, onde se atende telefones, onde se organiza dossiers, onde se desenha, onde se pensa.” (p.50)*

*“O ateliê (...) não é o espaço do trabalho da artista. Pelo contrário, é o espaço que ela representa para pôr em causa o estereótipo do ateliê, para pôr em causa o estereótipo das linguagens artísticas que ela vai confrontar a partir do momento em que abandona a pintura e passa a provocar a representação da pintura através da interacção do corpo, através de momentos accionais, de acções, de eventos que ela organiza que põem em causa a natureza da pintura enquanto resultado de um espaço de atelier.”(p.51)*

**Vygotsky (1996)** confirma a importância da imaginação, da criação de um mundo ilusório:

*“A acção na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real (...) tudo aparece no brinquedo, que se constitui assim no mais alto nível do desenvolvimento na educação infantil” (p.117)*

Nesta afirmação está retratada a parte lúdica que deve ser tida em conta no ateliê, este deve ser visto como um meio onde se aspira desenvolver actividades, propiciando às crianças e aos jovens a possibilidade de se expressarem num ambiente adequado, que atendendo às suas necessidades específicas.

**Piaget (1975)**, ao caracterizar a experimentação, afirma que:

*“O jogo evolui, pelo contrário, por relaxamento do esforço adaptativo e por manutenção ou exercício de actividades pelo prazer único de dominá-las e delas extrair como que um Sentimento de Eficácia e Poder.” (p.118)*

O ateliê de artes plásticas deve estimular a criatividade, o pensamento crítico, a disciplina, além de coadjuvar o progresso das actividades artísticas. Deve ser um espaço prático, que disponha de uma grande diversidade de materiais permitindo, assim, a possibilidade de utilizar varios meios, técnicas, materiais enriquecendo o seu conhecimento.

A existência de um local apropriado e adaptado é propício para o desenvolvimento de qualquer actividade, e no caso das artes visuais, é ainda fundamental.

A existência de ateliês motiva e desperta o interesse do aluno para as actividades artísticas.

O ambiente artístico proporciona a desinibição, estimula a criatividade, além de proporcionar toda a estrutura necessária para a realização das actividades, porém, as actividades necessitam de uma maior ponderação quanto à estrutura que irá dar suporte às suas execuções.

Facultar sempre os mesmos materiais, as mesmas manipulações, é destruir um ambiente estimulante que permita a exploração de novas soluções, é atrofiar a criatividade, reduzi-la a desenhos que não revelam o verdadeiro potencial do aluno.

A pesquisa destes objectivos deve envolver situações desafiadoras, principalmente, quanto ao uso de materiais e suportes novos que propiciem não só um maior conhecimento prático, mas que permita a utilização e a manipulação de várias linguagens artísticas.

Ou seja, do suporte simples, bidimensional, para suportes mais elaborados onde possam explorar a tridimensionalidade; novas explorações técnicas, podem contribuir para a descoberta de novas possibilidades de expressão.

O universo da criatividade do aluno, deve ser estimulado, desafiado, confrontado, para que possa enriquecer-se nas suas próprias experiências, assim, deve-se facultar a maior diversificação de materiais, suportes, técnicas e situações de desafio, visando sempre o seu crescimento artístico nas artes visuais.

## 1.4 TÉCNICAS DE GRAVURA E IMPRESSÃO

### 1.4.1 MONOTIPIA<sup>1</sup>

Esta técnica de impressão coloca-nos algumas dúvidas. Alguns artistas encaixam-na como gravura, outros como pintura. Basicamente a monotipia é a colocação de uma imagem executada com a tinta adequada numa placa. Esta imagem é impressa, tornando-se a cópia única, sendo impossível ser obtido novamente um exemplar igual ao anterior. Desta maneira, a monotipia situa-se entre as áreas gráficas e o desenho (ou a pintura). A monotipia, portanto, constitui-se de um processo híbrido, entre a pintura, o desenho e a gravura. Aproxima-se do gesto da pintura, da mancha de tinta, ou do traço, da linha; ao mesmo tempo possui características próprias



Ilustração 1 – Monotipia

da gravura, como a inversão da imagem. Apesar de o próprio nome esclarecer, mono (único) e tipia (impressão), ou seja, que se obtém de uma prova única, em alguns casos há a possibilidade de se conseguir mais de uma cópia, evidentemente cada vez mais tênue, mais clara, permanecendo apenas um "fantasma"/ vestígio da imagem **Weiss (2003)**.

Esta técnica surgiu no século XVII, mas foi com a gravura contemporânea que sofreu uma revolução, tornando-se uma técnica mais simples, directa, e rudimentar usando fracos recursos tecnológicos quando comparada com todo o ambiente tecnológico que nos envolve nos dias de hoje. Este tipo de impressão envolve marcas que vão atravessando os tempos e se vão tornando actuais. Este é um aspecto essencial que acompanha esta técnica, a capacidade que ela tem de gravar uma ideia, um pensamento ou uma emoção. Esta capacidade em guardar algo é transporta para uma placa em forma de mancha, linha ou matéria.

Material necessário para realizar uma monotipia:

Tinta;

Mesa em fórmica ou placa de vidro, acrílico ou chapa metálica;

Pinceis;

Folha de gramagem superior a 200 gr (gramas)

Existem duas maneiras de aplicar esta técnica segundo **Weiss (2003)**. Na primeira o autor afirma que esta requer pouca tinta tipográfica, que é espalhada de uma forma uniforme, com um rolo de impressão tipográfico sobre uma placa de vidro, acrílico, fórmica ou de chapa metálica. De seguida é colocada uma folha de papel sobre uma área com tinta e, tendo o artista a preocupação de colocar as mãos e os dedos em cima do papel, sendo desta forma as linhas traçadas, usando-se, para tal, uma ponta qualquer como o lápis ou a caneta por exemplo. Na etapa seguinte a folha é erguida, aparecendo, no verso do papel, a linha traçada, impressa com a camada fina de tinta. No outro tipo de monotipia, com semelhanças com a pintura, utilizam-se pincéis ou dedos por exemplo. Depois de pintada uma placa de vidro o acrílico ou outro tipo de placa, a placa é coberta com folhas de papel e é impressa de forma manual ou prensada. Ao contrário da primeira técnica exposta, de acordo **Weiss (2003)** esta poderá ser impressa novamente, sendo que a segunda ou a terceira impressão ficarão

<sup>1</sup> Ilustração 1 – Retirada do site: <http://www.prof2000.pt/users/dacc/monotipia1.htm> [visitado a 8 de Junho de 2010]

mais claras, tornando-se assim a imagem enfraquecida. As tintas que se usam durante a monotopia podem ser variadas; desde tinta a óleo, de secagem mais lenta, até tintas acrílicas, tintas suvinil, de esmalte, ou de secagem rápida.

### 1.4.2 COLAGRAFAGEM<sup>2</sup>

**Sousa (2003)** refere que a colagrafagem é uma técnica de impressão em que se constrói, em vez de se recortar, uma superfície de baixo-relevo. A palavra colagrafagem deriva de colagem, já que consiste basicamente numa forma de colagem de materiais para produzir uma impressão.

Cria-se um desenho de baixo-relevo, colando materiais na superfície de uma folha de papel duro ou cartão. Pode usar-se uma enorme variedade de materiais texturados, desde tecidos rugosos, areia e cordel, até ervas, legumes e cereais secos. A colagrafagem texturada produz uma impressão em relevo, que constitui o espelho da superfície de baixo-relevo do original

O mesmo autor refere ainda que pode ser usada, por exemplo, uma folha de cartão duro como base para uma interessante diversidade de texturas de baixo-relevo. Cria-se um padrão, colando cordel na superfície de modo a formar um desenho linear. Com um X-acto, executa-se no cartão um padrão de traços e outras formas para criar áreas de texturas contrastantes.

Também se pode construir uma colagrafagem usando apenas cola PVA, deixando pingar a cola em diversas áreas do cartão ou aplicando uma camada espessa de cola na superfície molhada da folha, para criar linhas negativas.

Pode ainda criar-se um desenho linear, usando cordel e acrescentarem-se texturas produzidas por cortes no cartão. Um dos aspectos singulares da impressão por colagrafagem consiste no facto de a própria colagrafagem adquirir uma beleza de obra de arte, já que está constantemente a ser pintada, removida e voltada a pintar com cores diferentes. Muitas delas acabam por ser guardadas e emolduradas como obras de baixo-relevo.



Ilustração 2 – Colagrafagem

---

<sup>2</sup> Ilustração 2 – Retirada do site: <http://aopsousamailcom.blogspot.com/> [visitado a 8 de Junho de 2010]

### 1.4.3 XILOGRAVURA<sup>3</sup>

O conceito xilogravura surge apenas no século XX, sendo definido como a arte de se fazer gravuras em madeira ou a impressão obtida por meio desta técnica. Esta técnica segundo **Herskovits (1986)** surgiu na China, pois os chineses utilizavam-na para a imprimir. **Costella (1984)** contesta a afirmação do autor anterior pois afirma que existem historiadores que se referem ao uso da xilogravura, no mesmo período dos chineses, no Japão, na Índia, na Pérsia e na América Pré-colombiana.



Ilustração 3 - Xilogravura

No nosso Continente a xilografia apareceu em no séc. XV sendo usado essencialmente como método de impressão de imagens de santos e cartas de baralho. Nesse período, os europeus descobriram os livros tabulares, pela produção dos quais se notabilizaram Alemanha, Bélgica e Holanda. Mais tarde, em meados do século XVI, a xilogravura começou a entrar numa fase de declínio no Continente Europeu, começando a ser utilizada como ferramenta para publicações de carácter popular, sendo a sua principal função ilustrar as capas de cordel **Herskovits (1986)**.

Na realização de um trabalho de xilogravura, a primeira etapa é a escolha da madeira e do estilo em que esta irá ser cortada para se realizar a confecção das matrizes. Os gravadores preferem espécies que resistam a um grande número de impressões e, ao mesmo tempo, sejam macias para o entalhamento. A mais popular é a imburana ou também chamada de umburana. Existem duas técnicas para a realização do corte dos troncos de árvore para produção destas matrizes: ao fio e ao topo. Na primeira o tronco é cortado no sentido paralelo ao veio para se obter tábuas, e no segundo o corte é realizado de um modo transversal, obtendo-se desta forma discos de madeira. Seguidamente os blocos de madeira são lixada. Estes por norma têm dois centímetros de espessura, no sentido de se encaixarem nas impressoras das tipografias. Na etapa seguinte, o polimento, a matriz fica pronta para ser talhada. Aqui, alguns artistas fazem o desenho no papel, marcando a madeira para ser cortada a partir do esboço. Finalmente, realiza-se o tintamento. Nesta última etapa o xilógrafo passa tinta sobre a matriz com um rolo, imprimindo-a de seguida. Genéricamente é assim que o processo de xilografia ocorre.

<sup>3</sup> Ilustração 3 – Retirada do site: <http://www.ead.pt/blog/?p=268> [visitado a 8 de Junho de 2010]

#### 1.4.4 FROTTAGE<sup>4</sup>

A frottage [fricção] desenvolvida por Max Ernst faz parte das técnicas automáticas de produção. Trata-se de esfregar lápis ou crayon sobre uma superfície áspera ou texturizada para 'provocar' imagens, resultados aleatórios do processo.

De acordo com **Pedrosa (2009)**, frottage é um termo francês que significa esfregar, friccionar, prenhe de conotações semânticas entre outras, sexual, política, não conformista, sonho e pensamento automático, de grande apreço entre os

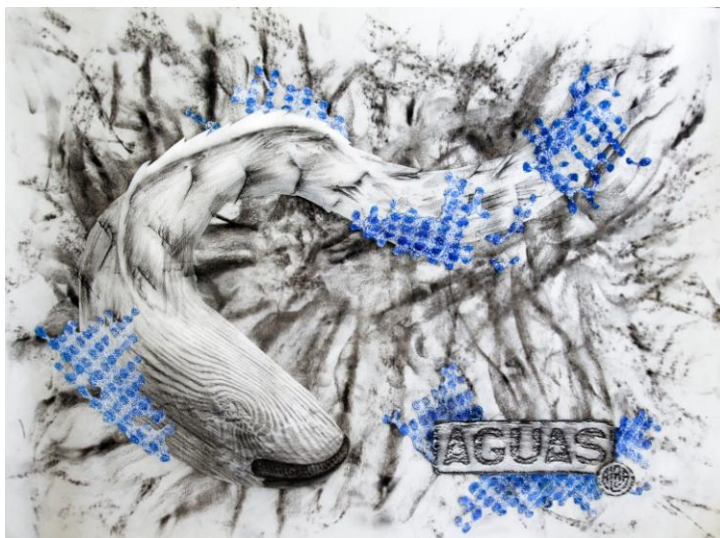


Ilustração 4 – Frottage

surrealistas. Ernst inspirou-se num antigo soalho de madeira em que as nervuras das pranchas de madeira haviam sido acentuadas ao longo de muitos anos de esfregar. As formas surgidas das nervuras sugeriam imagens estranhas e assim, ele transferiu o desenho formado no assoalho para uma folha de papel, esfregando um lápis grafite de dureza mole, uma técnica apreciada, por norma, entre crianças.

Max Ernst combinou frequentemente a colagem e a “frottage” (processo semelhante ao do passatempo infantil de esfregar um lápis num papel colocado sobre uma moeda). Em *O Anjo do Pântano* conseguiu formas e texturas fascinantes por decalcomania. O resultado final tem algumas das características do sonho, mas de um sonho nascido de uma imaginação fortemente romântica **Guedes (2006)**.

---

<sup>4</sup> Ilustração 4 – Retirada do site: <http://artecetera2.blogs.sapo.pt/1129.html> [visitado a 8 de Junho de 2010]

### 1.4.5 LINOGRATURA<sup>5</sup>

A linogravura é em tudo semelhante à xilogravura, com a diferença que a gravação não é efectuada em madeira mas num linóleo. **Sousa (2003)** refere que o linóleo é:

*“(...) o material feito à base de pó de cortiça, aglutinado e prensado sobre um tecido de serapilheira, ligeiramente maleável, fácil de trabalhar (parece borracha) e apresentando uma superfície muito polida, homogénea e brilhante tendo geralmente menos de 1 cm de espessura. Como não possui os obstáculos dos veios da madeira, pode ser facilmente riscado, gravado e escavado em todos os sentidos, deixando boas arestas para a impressão de traços finos. (p.304)*



Ilustração 5 – Linogravura

De acordo com o mesmo autor esta é uma técnica artística bastante recente sendo considerado Claude Flight (1920) como o seu iniciador. Em 1958, Picasso populariza a linogravura, efectuando grandes séries e, em 1965, Michael Rothenstein desenvolve as possibilidades da linogravura.

**Sousa (2003)** refere também que o linóleo, sendo um pouco maleável, para maior facilidade de trabalho com superfícies médias e grandes, pode-se colar numa placa de madeira com as mesmas dimensões.

Podem-se obter impressões de trabalho gravado no linóleo do mesmo modo que para qualquer outro trabalho de gravação.

**Sousa (2003)** refere alguns exemplos de exploração expressivo-criativa da linogravura:

*“- Experimentações: experimentar gravar diferentes desenhos e utilizando diferentes ferramentas (alfinete, prego, buril, com dois pregos espetados num pequeno pedaço de madeira, etc);*

*- Raspagens: experimentar dar tonalidade a diferentes superfícies, raspando com um canivete, uma lixa grossa, etc;*

<sup>5</sup> Ilustração 5 – Retirada do site: <http://linodamiao.blogspot.com/2007/06/linogravura.html> [visitado a 8 de Junho de 2010]

- *Policromatismos: como o linóleo é muito mais fácil de trabalhar do que a madeira, experimentar a criação de cópias impressas em diferentes cores;*

- *Gravura em cartão: o cartão é um suporte que poderá substituir o linóleo para algumas criações, embora a sua superfície seja mais rugosa, se esfarele e, após algumas aplicações amolece com a tinta e desfaz-se;*

- *Expressão com cartão: em vez de se gravar o cartão, recortam-se as formas em cartão, colando-as sobre uma base (também em cartão) para que fiquem em relevo. Para as crianças mais pequenas, esta é uma excelente técnica pela sua facilidade de execução, para a criação de diferentes matrizes, para a produção de impressões com varias cores.” (p.305)*

### 1.4.6 SERIGRAFIA<sup>6</sup>

A técnica de serigrafia consiste basicamente no depositar de uma tinta através de uma tela. Esta tela é essencialmente uma tela que contém um desenho com o objectivo de permitir a passagem da tinta através de certas regiões. A aplicação sucessiva de tintas diferentes por telas com desenhos diferentes permite a reprodução de motivos relativamente complexos. Para manter a reprodução da decoração da serigrafia é necessário ao longo do tempo não alterar as características de certos elementos essenciais a esta técnica, nomeadamente a tela, a espátula e as tintas, assim como diversas variáveis de operação do processo. O processo de aplicação serigráfica segundo **Sanz et al (1999)** pode ser dividido em duas etapas:



Ilustração 6 – Serigrafia

1. Preenchimento dos orifícios da tela. A espátula, durante o seu avanço, gera uma força sobre a tinta que a leva a preencher as aberturas da tela. A força gerada pelo avanço da espátula tem uma direcção perpendicular à sua superfície de ataque. Esta força, pode ser descomposta numa força normal à tela, responsável pelo preenchimento, e outra tangencial à tela, que é responsável pelo movimento da espátula.
2. A segunda etapa corresponde ao processo de transferência da tinta da tela para o suporte. Este processo é muito rápido e nele actuam as forças de coesão da tinta (entre as moléculas do líquido), e as forças de adesão entre a tinta e a tela e a tinta e a superfície da peça. Ao afastar-se a espátula da zona de impressão, o contacto entre a tela e o suporte é desfeito. Nesse momento a tinta tende a deformar-se, devido às forças de adesão com a tela, que está se afastando, da superfície da peça. Essa deformação dá-se até ao ponto de ruptura e nesse momento parte da tinta deixa a tela e fica aderida à superfície da peça.

Pelas duas etapas acima descritas constata-se que a aplicação da tinta sobre a superfície das peças é essencialmente um processo volumétrico. Existem sim variáveis que podem afectar o volume da tela, que por sua vez afectará a quantidade de tinta depositada e por conseguinte afectar a tonalidade do produto final. Por outro lado se preenchimento dos orifícios não se realizar de uma forma correcta e certa o volume de tinta depositado é alterado, podendo originar alterações nas tonalidades **Sanz et al., (1999)**.

<sup>6</sup> Ilustração 6 – Retirada do site: [http://www.fazfacil.com.br/artesinato/serigrafia\\_equipamento.html](http://www.fazfacil.com.br/artesinato/serigrafia_equipamento.html) [visitado a 8 de Junho de 2010]

### 1.4.7 CARIMBAGEM<sup>7</sup>

Segundo **Sousa (2003)** carimbagem é uma técnica de impressão que consiste numa matriz em relevo (carimbo) que se humedece ou molha numa almofada de tinta e aplica num suporte, geralmente de papel. A parte do carimbo em que se pega para manusear deverá ter mais de 5 cm; com um menor comprimento sujam-se os dedos quando se molha na tinta e não se vê bem a sua aplicação no papel.

O mesmo autor (**2003**) refere ainda que para:



Ilustração 7 – Carimbagem

*“ (...) que a aplicação da tinta do carimbo cubra apenas a parte em relevo, usa-se uma almofada de carimbos. Para carimbos pequenos pode-se utilizar uma almofada vulgar de carimbos (à venda nas papelarias). Para carimbos maiores, pode-se utilizar um pano fino de linho ou de algodão, bem dobrado uma ou duas vezes sobre si, colado sobre uma superfície plana e rija, que se impregna de tinta com uma trincha.” (p.300)*

Da mesma forma, **Sousa (2003)** refere alguns exemplos de criação de carimbos:

*“- Carimbos de cartão: o modo de produzir o relevo do carimbo é recortá-lo em cartão e colá-lo na base de um pequeno paralelepípedo de madeira.*

*- Carimbos de rolha: as rolhas de cortiça (novas, não usadas) constituem um bom material para criar carimbos, sendo resistentes e fáceis de gravar com um canivete. Pode-se gravar directamente sobre uma das suas superfícies circulares ou cortar uma pequena rodela, que se recorta e volta a colar, ficando o recorte em relevo.*

*- Carimbos de legumes: batatas, cenouras, nabos e outros legumes, resistentes e fáceis de gravar, podem constituir bons carimbos, embora efêmeros. Depois de usados uma vez, deverão ser deitados fora, antes de apodrecer.*

*- Carimbos de plasticina: fazem-se rolos ou paralelepípedos de plasticina e recorta-se numa das suas bases o relevo que se deseja criar.*

*- Rolos: o rolo é um carimbo cilíndrico que é rodado sobre o papel, deixando nele impresso as formas que estão gravadas na sua superfície de revolução. Podem-se fazer rolos a partir de cilindros de madeira, plástico, cortiça, plasticina, barro ou qualquer outro material. Pode-se gravar directamente sobre a sua superfície ou efectuar recortes em cartão ou linóleo e colá-los no cilindro, ficando em relevo.” (p.300)*

<sup>7</sup> Ilustração 7 – Retirada do site:

[http://1.bp.blogspot.com/\\_VU4q66Wi5Y/SdpQttGd3I/AAAAAAAAABBw/nVf2ssylGN4/s400/IMG\\_5739.JPG](http://1.bp.blogspot.com/_VU4q66Wi5Y/SdpQttGd3I/AAAAAAAAABBw/nVf2ssylGN4/s400/IMG_5739.JPG) [visitado a 8 de Junho de 2010]

### 1.4.8 CALCOGRAFIA<sup>8</sup>

No século XVIII a calcografia, também conhecida como talhe-doce, favoreceu um novo estilo da escrita. A técnica de se entalhar os caracteres no metal determinou mudanças significativas no desenho da forma. Com essa nova possibilidade, os artesãos puderam desenhar hastes e serifas muito finas, criando contrastes de traço notáveis. Os tipos Bodoni, Didot, Waldbaum seguem essa linha e foram favorecidos também por avanços quanto à qualidade do papel e da tinta utilizados na impressão dos caracteres.



Ilustração 8 – Calcografia

Assim e de acordo com **Sousa (2003)** a calcografia é a arte de gravar em metal, que se dá através de vários processos, sendo o mais antigo deles a gravura a buril ou talhe-doce, em que a gravação é feita directamente no metal com um instrumento de aço chamado buril.

A calcografia, segundo **Sousa (2003)** pode ser directa, em que se obtêm matrizes através de meios unicamente mecânicos, pela acção de uma ferramenta, sem o recurso a mordentes. Diferentes processos de calcografia directa são: Buril; Ponta-Seca; Pontilhado; Mezzo-Tinto.

O mesmo autor refere também que a calcografia pode ser indirecta, isto é, as matrizes em que os sulcos resultam de uma reacção química de corrosão entre um metal e um ácido ou entre um metal e um sal, que funcionam como mordentes. Diferentes processos de calcografia indirecta são: Água-Forte; Água-Tinta; Verniz Mole; Calcografia a Cor; Gravura em Matriz de Aço.

---

<sup>8</sup> Ilustração 8 – Retirada do site: [http://www.craigscottgallery.com/?sec=2&sort\\_order=59&artist\\_id=4&picture\\_id=867](http://www.craigscottgallery.com/?sec=2&sort_order=59&artist_id=4&picture_id=867) [visitado a 8 de Junho de 2010]



## 2 MÉTODO

Na perspectiva de **Quivy e Campenhoudt (1992)**, importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para elucidação do real, isto é, no sentido mais lato, um método de trabalho.

Segundo **Fortin (1999)** a investigação científica é um processo que permite resolver problemas ligados ao conhecimento dos fenómenos do mundo real no qual nós vivemos. É um método particular de aquisição de conhecimentos, uma forma ordenada e sistemática de encontrar respostas para questões que necessitam de uma investigação. Pelas suas funções, a investigação permite descrever, explicar e prever factos, acontecimentos ou fenómenos.

A metodologia consiste em precisar como o fenómeno em estudo será integrado num plano de trabalho que ditará as actividades conducentes à realização da investigação. Assim o plano metodológico visa colocar em ordem um conjunto de actividades de maneira a permitir ao investigador a realização efectiva do seu projecto **Fortin (1999)**.

A escolha de uma metodologia tem de estar de acordo com o tema em estudo e com o objectivo desse mesmo estudo.

Os objectivos essenciais deste trabalho são:

- Identificar o conhecimento que as crianças possuem acerca das técnicas de gravação e impressão.
- Reconhecer a importância do ateliê de expressão plástica no processo educativo.
- Organizar os conhecimentos e experiências adquiridas, de forma a poder efectuar uma clivagem adequada dos conhecimentos a transmitir ao aluno.
- Adquirir competências da expressão plástica enquanto futuro professor para apoiar o desenvolvimento afectivo e social da criança através da utilização da expressão plástica.

O tipo de estudo realizado é um estudo descritivo e exploratório visto ter como objectivo esclarecer relações entre variáveis, utilizando a metodologia quantitativa. É também um estudo transversal na medida em que estuda uma população e fenómenos a ela associados num período de tempo bem definido.

Para **Fortin (1999)** os estudos descritivos visam obter mais informação, quer seja sobre as características de uma população, quer seja sobre os fenómenos em que existem poucos trabalhos de investigação.

Segundo **Fortin (1999)**, as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vista na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (...) as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com objectivo de proporcionar uma visão geral (...) acerca de determinado facto.

O presente estudo enquadra-se nestas definições, pois pretende-se identificar e descrever a importância dos conhecimentos das crianças acerca das técnicas de gravação e impressão a ser apreendidas em ateliê, assim como obter informações que permitam futuramente realizar estudos mais aprofundados nesta área.

## **2.1 PARTICIPANTES (OU AMOSTRA)**

Na realização de um estudo é necessário uma população ou universo para que este possa decorrer e para que o investigador possa testar as suas hipóteses e confirmar ou não a relação estabelecida entre as variáveis.

Segundo **Fortin (1999)**, uma população é uma colecção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidos por um conjunto de critérios, se bem que o elemento seja muitas vezes uma pessoa, esta poderá ser também uma família, um grupo, um comportamento, uma organização. Uma população particular que é submetida a um estudo, é chamada de população-alvo.

Sendo assim, a população-alvo escolhida para a realização deste estudo foram os alunos do Agrupamento de Escolas de Freixo de Espada, da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta, do 3º ciclo do Ensino Básico.

Segundo o mesmo autor (**1999**), a amostra é um subconjunto de uma população ou de um grupo de sujeitos que fazem parte de uma mesma população. É, de qualquer forma, uma réplica em miniatura da população-alvo. Assim, esta deve representar a população visada, isto é, as características da população devem estar presentes na amostra que é seleccionada.

A amostra é constituída pelos 69 alunos do Agrupamento de Escolas de Freixo de Espada, da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta, do 3º ciclo do Ensino Básico.

Foram considerados como critérios de inclusão para o presente estudo, que os alunos aceitassem fazer parte do estudo, preenchendo na íntegra o questionário e que estivessem inscritos na disciplina de Educação Visual.

A escolha do local para se proceder à recolha de dados com o questionário foi a Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta, pois o projecto visa ser implementado, nesta escola.

## **2.2 PROCEDIMENTO – QUESTIONÁRIO**

No início de qualquer investigação, devem formular-se hipóteses. A utilização de uma hipótese é necessária para que a pesquisa apresente resultados úteis, isto é, atinja níveis de interpretação mais altos.

Segundo **Fortin (1999)**, não há observação ou experimentação que não assente em hipóteses. Para estes autores hipótese é uma proposição que prevê uma relação entre dois termos que, segundo os casos, podem ser conceitos ou fenómenos. Uma hipótese é, portanto, uma proposição provisória, uma pressuposição que deve ser verificada.

Portanto, uma hipótese é um enunciado que estabelece relação entre as variáveis em estudo. Uma hipótese, estabelece uma relação entre a/as variáveis dependentes e a/as variáveis independentes para uma posterior comprovação dessas relações. Essas relações são verificadas com o apoio de análises estatísticas, cujos resultados indicam se a hipótese é confirmada ou não.

Assim, no presente estudo foram formuladas as seguintes hipóteses:

H1 – Existe relação entre a idade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre a idade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

H1 – Existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

H1 – Existe relação entre o sexo dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o sexo dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

H1 – Existe relação entre a idade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre a idade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

H1 – Existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

H1 – Existe relação entre o sexo dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o sexo dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

De forma a podermos validar as hipóteses em estudo, é necessário definir as respectiva variáveis.

Assim, **Fortin (1999)** define variável como toda a qualidade de uma pessoa, grupo ou situação que varia ou assume um valor diferente. Às vezes, uma variável pode assumir uma gama de valores diferentes. Outras variáveis assumem somente alguns poucos valores menores.

Existem dois tipos de variáveis que se articulam e complementam entre si, através de uma relação causa/efeito, variável dependente e independente.

Segundo **Fortin (1999)**, as variáveis independentes e dependentes estão ligadas no estudo, no sentido de que uma afecta a outra. Esta relação forma a base de predição e exprime-se pela formulação de hipóteses.

Como refere esta mesma autora, a variável dependente é a que sofre o efeito esperado da variável independente: é o comportamento, a resposta ou o resultado observado que é devido à presença da variável independente. A variável dependente é muitas vezes chamada a «variável crítica» ou a «variável explicada». A variável dependente é aquela variável que o investigador tem interesse em estudar, compreender e explicar.

No presente estudo, a variável dependente deverá ser o grau de preferência dos alunos acerca de um possível ateliê de gravura e impressão.

Segundo **Fortin (1999)**, a variável independente é a que o investigador manipula num estudo para medir o seu efeito na variável dependente. A variável independente ou explicativa é muitas vezes chamada o tratamento ou a intervenção, ou simplesmente a variável experimental.

Desta forma, no presente estudo as variáveis independentes são as seguintes:

- Sexo:
- Ano de escolaridade
- Idade

O instrumento de colheita de dados é um meio de pesquisa utilizado pelo investigador para proceder à recolha de informação útil da amostra seleccionada, para em seguida essa mesma informação ser submetida a tratamento estatístico. O instrumento de recolha de dados deve estar construído de acordo com as características da população-alvo.

O instrumento de recolha de dados utilizado no presente estudo foi o questionário.

Para **Fortin (1999)**, um questionário é um dos métodos de colheita de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos, é um instrumento de medida que traduz os objectivos de um estudo com variáveis mensuráveis. Ajuda a organizar, a normalizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações procuradas possam ser recolhidas de uma maneira rigorosa.

A escolha do mencionado instrumento de dados, baseou-se nas inúmeras vantagens que apresenta, de acordo com **Fortin (1999)**, nomeadamente:

- Traduz os objectivos de um estudo com variáveis mensuráveis;
- Permite uma organização, um controlo eficaz das informações recolhidas de maneira rigorosa;
- Pode ser aplicado a um grande número de indivíduos, repartidos por uma vasta região;
- Permite obter mais informações num conjunto populacional;
- É um instrumento de colheita de dados pouco dispendioso;
- É de natureza impessoal;
- É apresentado de forma uniformizada a todos os indivíduos;
- Permite o anonimato, e conseqüentemente, as pessoas exprimem com maior segurança e liberdade as suas opiniões.

Para a recolha dos dados foi elaborado o questionário com uma série de questões relativas ao tema a investigar, o método escolhido para as questões foi a escala de tipo Likert, em que os alunos respondem colocando um número na escala de um a cinco, sendo que: ao número 1, corresponde o Não concordo totalmente; ao número 2, corresponde o Não concordo parcialmente; ao número 3, corresponde o Indiferente; ao número 4, corresponde o Concordo parcialmente e ao número 5, corresponde o Concordo totalmente. De realçar que para uma análise mais coerente dos gráficos das questões n.º 3.4, 3.5 e 3.8 optou-se por agrupar o *score* 0 e 1 como sendo respostas de preferência baixa; o *score* 2 e 3 como sendo respostas de preferência média e o *score* 4 e 5 como sendo respostas de preferência alta.

Para a aplicação do questionário à amostra escolhida, foi necessário solicitar ao Conselho Executivo da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta, autorização para a aplicação do mesmo.

Após o pedido de autorização para recolha de dados ser aceite procedeu-se à recolha de dados, durante o mês de Maio de 2010, considerando a disponibilidade dos docentes de Educação Visual.

Da mesma forma, aquando da recolha de dados, informaram-se os alunos de que todos os seus dados serão tratados anonimamente, considerando e respeitando as éticas deontológicas e apelando para o preenchimento personalizado do mesmo.

Para responderem à questão 3.6, com rigor científico e após a explicação do instrumento de recolha de dados, foi entregue uma ficha com todas as técnicas e a respectiva definição, devidamente explicadas e foi solicitado aos alunos que respondessem ao questionário, com uma caneta.

Foram também informados que o investigador se iria manter na sala de aula no caso de existirem eventuais dúvidas, para as esclarecer.

Durante as diversas aplicações do questionário, os alunos não demonstraram quaisquer dúvidas, pelo que não houve necessidade de intervenção pelo investigador.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR IDADE

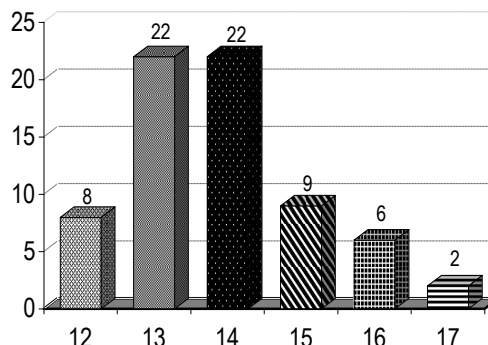


Ilustração 10 – Distribuição dos alunos por idades

Tendo em conta a distribuição dos alunos por idades, verifica-se a heterogeneidade de idades, sendo de realçar o número de alunos com idades entre os 13 e os 14 anos (aproximadamente 20), seguidos das idades dos 15 e 12 anos, em que se verifica uma distribuição de aproximadamente 5 a 10 alunos. De realçar também que a amostra possui poucos alunos (aproximadamente 8) com idades superiores a 15 anos, o que nos permite inferir que poderão ser alunos ainda na idade escolar obrigatória e com poucas retenções.

#### 3.2 GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR ANO DE ESCOLARIDADE

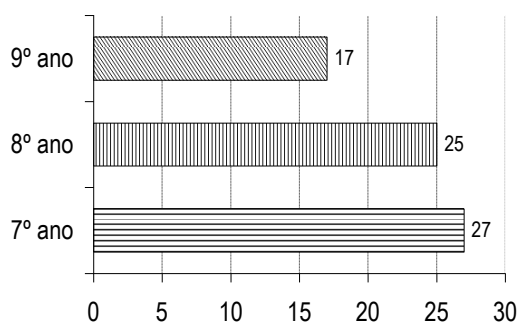


Ilustração 11 – Distribuição dos alunos por ano de escolaridade

Relativamente à variável ano de escolaridade, verifica-se que a amostra é bastante homogénea, sendo que a maioria dos alunos encontra-se no 7º ano de escolaridade, com quase 30 alunos, 25 alunos frequentam o 8º ano de escolaridade e aproximadamente 18 alunos frequentam o 9º ano de escolaridade.

### 3.3 GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR SEXO

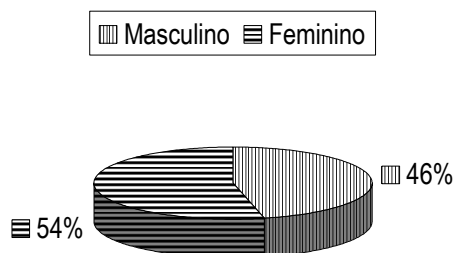


Ilustração 12 – Distribuição dos alunos por sexo

Considerando a variável sexo, inferimos que 54% dos alunos pertencem ao sexo feminino, sendo apenas 46% do sexo masculino, confirmando a maioria de alunas do sexo feminino como uma constante nos diversos anos.

### 3.4 GRÁFICO DAS ÁREAS DE EXPLORAÇÃO MAIS ABORDADAS

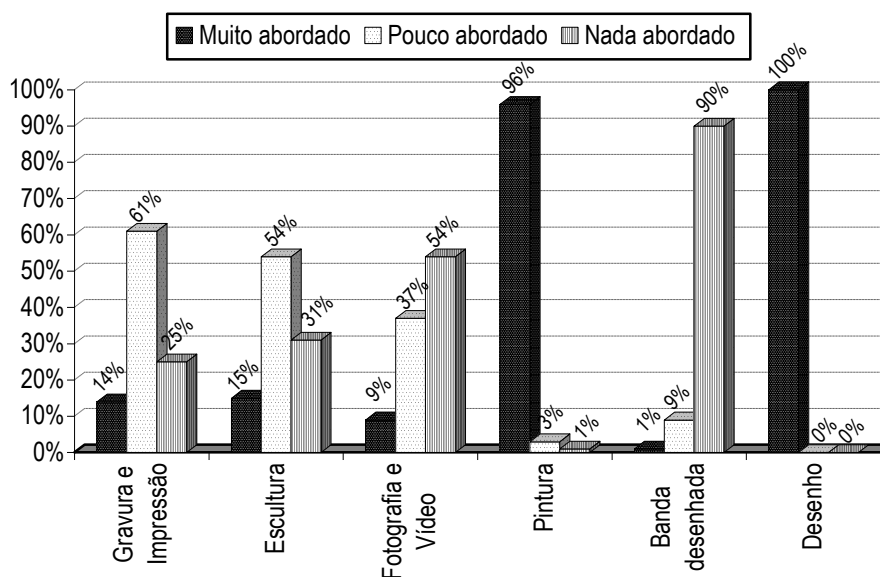


Ilustração 13 – Abordagem das áreas de exploração

Tendo em conta a abordagem das áreas de exploração e considerando que alguns alunos não responderam pois determinadas áreas não foram abordadas, verificou-se que todos os alunos responderam ter abordado muito a área de desenho (100%), seguida da pintura (96%), 61% dos alunos referem ter abordado pouco a área de gravura e impressão, 54% dos alunos referem ter abordado pouco a área de escultura e 37% referem o mesmo acerca da área de fotografia e vídeo. De realçar que apenas 14% dos alunos referem ter abordado muito a área de gravura e impressão, 15% referem ter abordado muito a área de escultura assim como 9% referem o mesmo acerca da área de fotografia e vídeo.

### 3.5 GRÁFICO DA NECESSIDADE DE ABORDAGEM DA ÁREA DE EXPLORAÇÃO: GRAVURA E IMPRESSÃO

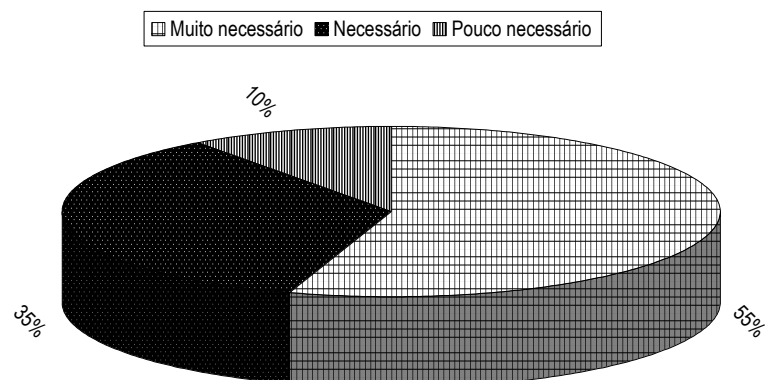


Ilustração 14 – Necessidade de abordagem do ponto de vista dos alunos da área de exploração Gravura e Impressão

Relativamente à necessidade de abordagem da área de exploração de gravura e impressão, verifica-se que 55% dos alunos consideram que era muito necessária esta abordagem, 35% dos alunos consideram que a abordagem a esta área de exploração era apenas necessária e apenas 10% dos alunos consideram a abordagem à referida área de expressão como pouco necessária.

### 3.6 GRÁFICO DA ATRIBUIÇÃO DE SINÓNIMOS ADEQUADOS AOS CONCEITOS

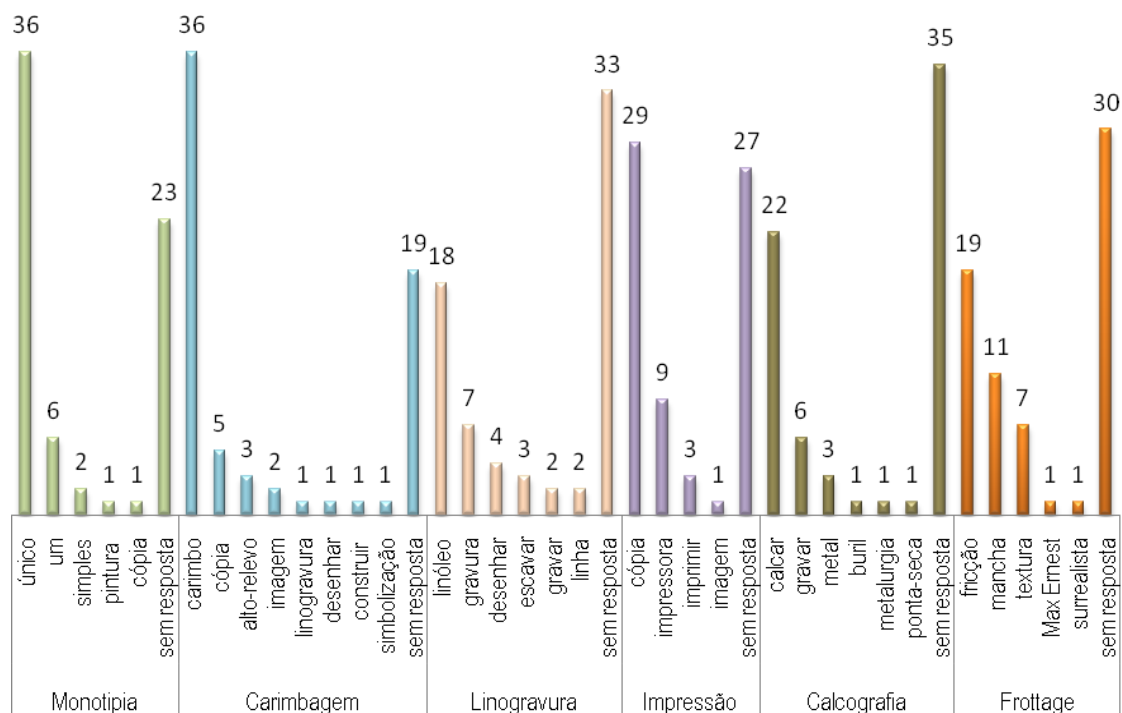


Ilustração 15 – Atribuição de sinónimos a técnicas de gravura

Tendo em conta a atribuição de sinónimos a técnicas de gravura e considerando o facto de que o item “sem resposta” foi o mais preenchido, em todos os sinónimos, pois existe desconhecimento dos alunos neste âmbito, pareceu-nos pertinente considerar a questão e não invalidar os questionários, pois pretende-se efectivamente analisar o nível de conhecimentos que os alunos possuem.

De realçar que nesta questão e para garantir o rigor científico, foi entregue uma ficha de explicação acerca das diferentes técnicas de gravura, mas que não foi, tendo em conta os resultados atingidos, suficiente para uma resposta informada da parte dos alunos. Assim, verifica-se que em todas as técnicas os sinónimos relacionaram-se muito mais com a tentativa dos alunos em definir a palavra em si do que propriamente a técnica abordada.

### 3.7 GRÁFICO DO INTERESSE DE FREQUÊNCIA DE UM ATELIÊ DE TÉCNICAS DE GRAVURA E IMPRESSÃO

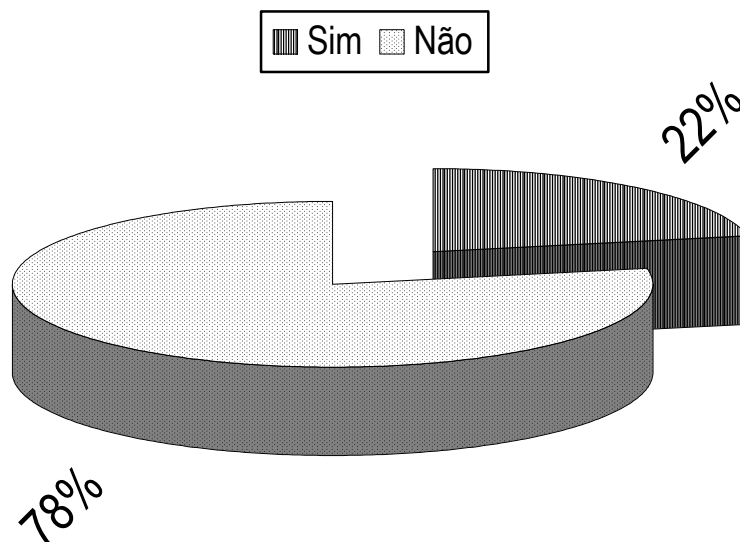


Ilustração 16 – Percentagem de alunos que gostavam de frequentar um ateliê

Relativamente aos alunos que gostariam de frequentar um ateliê, verifica-se que 78% responderam não e apenas 22% responderam sim. Com estes resultados e em comparação com os atingidos na questão anterior, consideramos que um factor passível de influenciar as respostas prende-se, provavelmente com o desconhecimento acerca quer das áreas de exploração de gravura e impressão, quer acerca do que é um ateliê.

### 3.8 GRÁFICO DAS TÉCNICAS DE GRAVURA E IMPRESSÃO PREFERIDAS PELOS ALUNOS

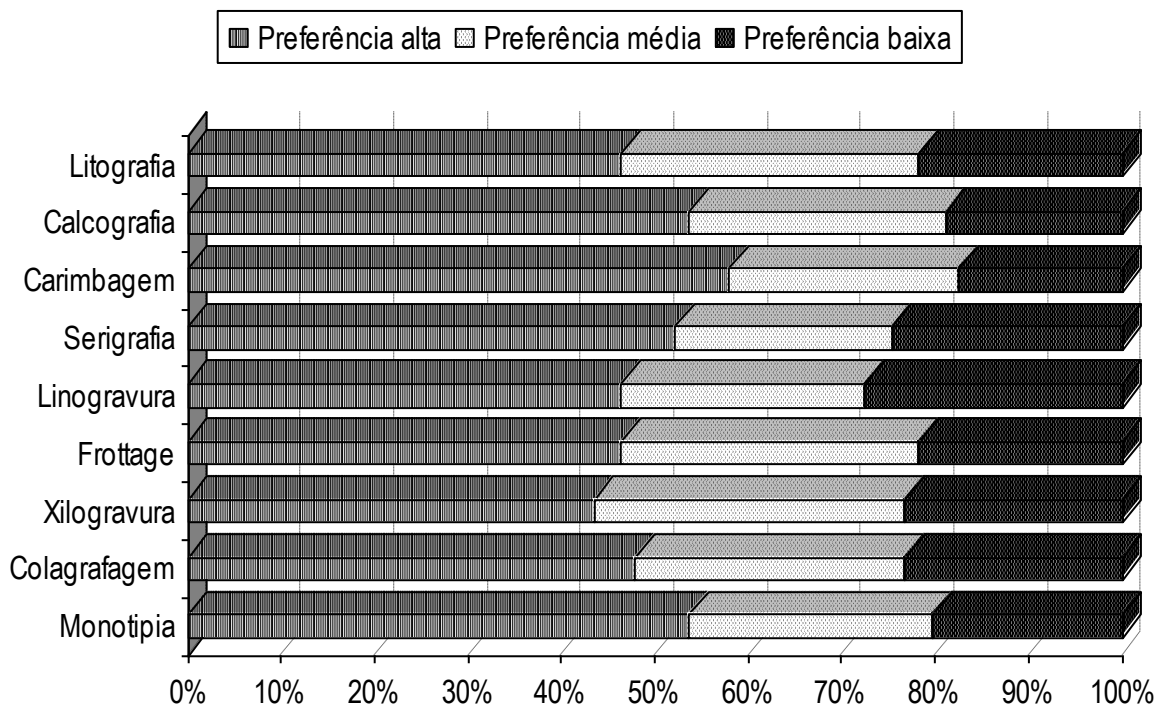


Ilustração 17 - Técnicas de gravura e impressão preferidas pelos alunos

Considerando as técnicas de gravura e impressão preferidas pelos alunos verifica-se que a maioria dos alunos respondeu preferir todas as técnicas com aproximadamente 50% de respostas para todas, sendo que apenas 30% responderam ter uma preferência média por todas as técnicas e aproximadamente 20% dos alunos referem ter uma preferência baixa por todas as áreas. De realçar que existe maior variação nas áreas de litografia, xilografia, carimbagem e monotipia, que têm uma preferência mais elevada, em relação às restantes.

## 4 DISCUSSÃO

### 4.1 ANÁLISE DAS HIPÓTESES

H1 – Existe relação entre a idade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre a idade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

|       |    | Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão |            |                  | Total |
|-------|----|--|------------|------------------|-------|
|       |    | Muito necessário   | Necessário | Pouco necessário |       |
| Idade | 12 | 8  | 0          | 0                | 8     |
|       | 13 | 12   | 10         | 0                | 22    |
|       | 14 | 12   | 10         | 0                | 22    |
|       | 15 | 1  | 2          | 6                | 9     |
|       | 16 | 5  | 1          | 0                | 6     |
|       | 17 | 0  | 1          | 1                | 2     |
| Total |    | 38   | 24         | 7                | 69    |

Tabela 4 - Idade \* Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão

Teste do Qui-Quadrado

P

Pearson Chi-Square 0,000

Tabela 5 – Teste do Qui-Quadrado

Relativamente à hipótese em estudo, verifica-se que existe uma relação significativa entre as premissas da hipótese, e após a aplicação do teste do Qui-quadrado de Pearson, verifica-se que para  $p < 0,005$ , os resultados atingidos foram de  $p = 0,000$ . De realçar que a heterogeneidade de idades e de respostas acerca das necessidades de abordagem das áreas de exploração dos alunos estão directamente relacionadas, pelo que se valida a H1.

H1 – Existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

|                     |        | Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão |            |                  | Total |
|---------------------|--------|--|------------|------------------|-------|
|                     |        | Muito necessário   | Necessário | Pouco necessário |       |
| Ano de escolaridade | 7º ano | 20   | 7          | 0                | 27    |
|                     | 8º ano | 12   | 13         | 0                | 25    |
|                     | 9º ano | 6  | 4          | 7                | 17    |
| Total               |        | 38   | 24         | 7                | 69    |

Tabela 6 – Ano de escolaridade \* Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão

|                       |       |
|-----------------------|-------|
| Teste do Qui-Quadrado |       |
|                       | P     |
| Pearson Chi-Square    | 0,000 |

Tabela 7 – Teste do Qui-Quadrado

Relativamente à hipótese em estudo, verifica-se que existe uma relação significativa entre as premissas da hipótese, e após a aplicação do teste do Qui-quadrado de Pearson, verifica-se que para  $p < 0,005$ , os resultados atingidos foram de  $p = 0,000$ . De realçar que o ano de escolaridade está directamente relacionado com as respostas acerca das necessidades de abordagem das áreas de exploração dos alunos, pelo que se valida a H1.

H1 – Existe relação entre o sexo dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o sexo dos alunos e a sua necessidade de abordagem às áreas de exploração de gravura e impressão.

|       |           | Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão |            |                  | Total |
|-------|-----------|--|------------|------------------|-------|
|       |           | Muito necessário   | Necessário | Pouco necessário |       |
| Sexo  | Feminino  | 29   | 7          | 1                | 37    |
|       | Masculino | 9  | 17         | 6                | 32    |
| Total |           | 38   | 24         | 7                | 69    |

Tabela 8 – Sexo \* Necessidade de abordagem dos alunos das áreas de exploração: gravura e impressão

|                       |       |
|-----------------------|-------|
| Teste do Qui-Quadrado |       |
|                       | P     |
| Pearson Chi-Square    | 0,000 |

Tabela 9 – Teste do Qui-Quadrado

Relativamente à hipótese em estudo, verifica-se que existe uma relação significativa entre as premissas da hipótese, e após a aplicação do teste do Qui-quadrado de Pearson, verifica-se que para  $p < 0,005$ , os resultados atingidos foram de  $p = 0,000$ . De realçar que o sexo está directamente relacionado com as respostas acerca das necessidades de abordagem das áreas de exploração dos alunos, pelo que se valida a H1.

H1 – Existe relação entre a idade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre a idade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

|  | Idade | Gostavas de frequentar um ateliê? |     | Total |
|--|-------|-----------------------------------|-----|-------|
|  |       | Sim                               | Não |       |
|  | 12    | 4                                 | 4   | 8     |
|  | 13    | 19                                | 3   | 22    |
|  | 14    | 19                                | 3   | 22    |
|  | 15    | 6                                 | 3   | 9     |
|  | 16    | 4                                 | 2   | 6     |
|  | 17    | 2                                 | 0   | 2     |
|  | Total | 54                                | 15  | 69    |

Tabela 10 – Correlação entre a Idade \* Gostavas de frequentar um ateliê?

| Teste do Qui-quadrado |       |
|-----------------------|-------|
| P                     |       |
| Pearson Chi-Square    | 0,207 |

Tabela 11 – Teste do Qui-quadrado

Relativamente à hipótese em estudo, verifica-se que não existe relação entre as premissas da hipótese, e após a aplicação do teste do Qui-quadrado de Pearson, verifica-se que para  $p < 0,005$ , os resultados atingidos foram de  $p = 0,207$ . De realçar que a heterogeneidade de idades e de respostas acerca de os alunos gostarem de frequentar um ateliê não são passíveis de relacionar, pelo que se valida apenas a hipótese nula (Ho).

H1 – Existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

Ho – Não existe relação entre o ano de escolaridade dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

|  | Ano de escolaridade | Gostavas de frequentar um ateliê? |     | Total |
|--|---------------------|-----------------------------------|-----|-------|
|  |                     | Sim                               | Não |       |
|  | 7º ano              | 20                                | 7   | 27    |
|  | 8º ano              | 22                                | 3   | 25    |
|  | 9º ano              | 12                                | 5   | 17    |
|  | Total               | 54                                | 15  | 69    |

Tabela 12 – Ano de escolaridade \* Gostavas de frequentar um ateliê?

| Teste do Qui-quadrado |       |
|-----------------------|-------|
| P                     |       |
| Pearson Chi-Square    | 0,323 |

Tabela 13 - Teste do Qui-quadrado

Relativamente à hipótese em estudo, verifica-se que não existe relação entre as premissas da hipótese, e após a aplicação do teste do Qui-quadrado de Pearson, verifica-se que para  $p < 0,005$ , os resultados atingidos foram de  $p = 0,323$ . De realçar que o ano de escolaridade e as respostas acerca de os alunos gostarem de frequentar um ateliê não são passíveis de relacionar, pelo que se valida apenas a hipótese nula ( $H_0$ ).

H1 – Existe relação entre o sexo dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

$H_0$  – Não existe relação entre o sexo dos alunos e o facto de gostarem de frequentar um ateliê de gravura e impressão.

|       |           | Gostavas de frequentar um ateliê? |     | Total |
|-------|-----------|-----------------------------------|-----|-------|
|       |           | Sim                               | Não |       |
| Sexo  | Feminino  | 28                                | 9   | 37    |
|       | Masculino | 26                                | 6   | 32    |
| Total |           | 54                                | 15  | 69    |

Tabela 14 – Sexo \* Gostavas de frequentar um ateliê?

Teste do Qui-quadrado

P

Pearson Chi-Square 0,576

Tabela 15 – Teste do Qui-quadrado

Relativamente à hipótese em estudo, verifica-se que não existe relação entre as premissas da hipótese, e após a aplicação do teste do Qui-quadrado de Pearson, verifica-se que para  $p < 0,005$ , os resultados atingidos foram de  $p = 0,576$ . De realçar que o sexo e as respostas acerca de os alunos gostarem de frequentar um ateliê não são passíveis de relacionar, pelo que se valida apenas a hipótese nula ( $H_0$ ).

Relativamente aos objectivos que inicialmente nos propusemos alcançar consideramos que, na aplicação do questionário se verifica que os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico possuem apenas alguns conhecimentos acerca das técnicas de gravação e impressão, muito provavelmente porque alguns dos itens referidos no questionário não foram ainda abordados em contexto de sala de aula.

No entanto, a maioria dos alunos consideram importante a sua participação num ateliê de expressão plástica e reconhecem as suas necessidades ao nível da abordagem das áreas de exploração.

Da mesma forma, consideramos ter atingido o objectivo relacionado com a aquisição de competências da expressão plástica, distinguindo conhecimentos, adquirindo novas e mais aprofundadas estratégias de trabalho utilizando a expressão plástica e que futuramente, poderão ser extremamente úteis no sentido de os transmitir aos alunos, Sousa (2003), refere que:

*“Uma das grandes diferenças entre educação pela arte e artes na educação, no âmbito da técnica de gravação-impressão, é que na segunda é executado primeiro um desenho no papel, (...), que a criança deverá copiar*

*com papel químico para o suporte e executar. O objectivo é a técnica em si, a gravação e a impressão.*

*Na educação pela arte, sendo o objectivo a expressão-criação da criança e a técnica apenas o meio de o proporcionar, a criança grava directamente no suporte, efectuando com essa acção a sua expressão e criando o que a mente e a mão lhe forem sugerindo. A criação é inteiramente sua e imediatamente transmitida para o material com que está a trabalhar.”*  
(p.290)

## 5 CONCLUSÕES

Ao finalizar este estudo temos a plena consciência de que muito ficou por investigar ou dizer acerca da sensibilização e implementação das técnicas de gravura e impressão aos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, tendo apenas abordado alguns aspectos sobre o tema, bastante complexo, que tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante.

O quadro de referências efectuado através da revisão bibliográfica, a colheita de dados e análise estatística permitiu-nos organizar a elaboração do estudo, fornecendo-nos o contexto para melhor conceptualizar o problema em discussão, atingindo assim os objectivos a que nos propusemos, inicialmente.

Provavelmente, se reiniciássemos o nosso estudo agora, as opções seriam, necessariamente, diferentes.

Para que melhor possamos compreender os resultados que obtivemos, seria pertinente aprofundar o conhecimento de alguns dados relativos à nossa amostra:

- Aumentar a amostra num futuro estudo com o intuito de consolidar os resultados obtidos.
- Conhecer os agentes de socialização da nossa amostra, procurando relações entre a selecção dos motivos mais importantes e uma eventual influência por parte desses agentes.

De realçar que este estudo apresenta limitações quanto ao grau de generalização no que diz respeito à amostra, uma vez que foi constituída apenas por sujeitos de uma região específica. Porém, este factor não diminui o interesse do estudo, uma vez que os resultados poderão permitir o levantamento de aspectos relevantes e de hipóteses do estudo que encaminhem futuras investigações.

Consideramos ter sido de todo pertinente, quer a pesquisa, quer a aplicação dos questionários, quer toda a dinâmica que envolveu a realização do presente trabalho, uma vez que nos permitiu relacionar e aprofundar conhecimentos teóricos e práticos.

## **6 PROJECTO PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UM ATELIÊ DE GRAVURA E IMPRESSÃO**

### **6.1 RESPONSÁVEL PELO ATELIÊ**

O responsável pelo ateliê será a Professora Susana Achando, do Agrupamento de Escolas de Freixo de Espada à Cinta, da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta, local onde se pretende implementar este projecto.

A escolha recai sobre a docente acima supracitada, visto ser a única professora que pertence ao quadro da escola, ao grupo 600 de Educação Visual, do 3º ciclo do E.B., esta contará com a colaboração de um docente colocado também no grupo de recrutamento 600, na disciplina de Educação Visual, do 3º ciclo do E.B.

O ateliê funcionará, nos TOA (tempos para outras actividades) dos dois docentes, pois desta forma não haverá gastos com os docentes.

O dia do ateliê será a quarta-feira, pois é a tarde livre de todos os alunos, assim todos poderão participar.

### **6.2 ÁREA DE INTERVENÇÃO**

#### **6.2.1 CARACTERIZAÇÃO DO MEIO<sup>10</sup>**

##### **Enquadramento Geográfico de Freixo de Espada à Cinta**

Freixo de Espada à Cinta situa-se no extremo interior – sul do nordeste transmontano, no distrito de Bragança. É limitado a nascente e sul pelo Rio Douro, confinando a norte com o concelho de Mogadouro, a poente e noroeste com o concelho de Torre de Moncorvo, a sul com os concelhos de Vila Nova de Foz Côa e de Figueira de Castelo Rodrigo, e a nascente e sudeste com Espanha, processando-se toda a fronteira através do Rio Douro. Esta vila encontra-se bem no seio do Parque Natural do Douro Internacional.

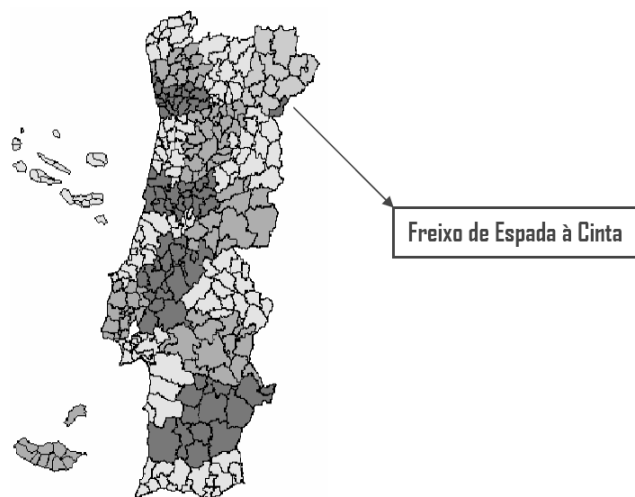


Ilustração 18 - Mapa de Portugal com a localização dos Concelhos

Freixo de Espada à Cinta é sede de concelho e é composto por mais cinco freguesias: Poiares, que dista da vila 8 km, Ligares, 20 km, Mazouco 11km, Fornos 18km e Lagoaça 20km.

<sup>10</sup> Fonte: Carta Educativa do Município de Freixo de Espada à Cinta

## Enquadramento Histórico de Freixo de Espada à Cinta

A origem do nome da vila é controversa havendo várias opiniões e lendas. Do gosto da maioria dos Freixenistas é que terá sido D. Dinis que, ao passar por aqui, descansou à sombra de um grande freixo e espetou a sua espada no tronco da árvore. Daqui Freixo de Espada à Cinta.



Ilustração 19 - Vista panorâmica de Freixo de Espada à Cinta

Trata-se, pois, de uma vila transmontana riquíssima de história que conserva muitos monumentos e outros vestígios da sua nobreza.

Freixo de Espada à Cinta é a mais manuelina de todas as terras portuguesas. É uma vila com características rurais que encaixa num largo e fértil vale protegido das intempéries pelas montanhas circundantes.

Passaram, ao longo dos tempos, pela vila Vetões e Nabassos, Romanos, Visigodos, Suevos, Árabes e vários homiziados (oriundos de diversos lados, a quem se dava asilo), para a defenderem. Ainda assim, a vila foi por diversas vezes invadida pelos vizinhos de Leão e Castela.

De 26 de Junho de 896 até 13 de Janeiro de 1898, Freixo de Espada à Cinta deixou de ser concelho passando a ser anexado a Torre de Moncorvo. A sua população tem tido as oscilações e os movimentos típicos da região, onde a emigração teve um papel activo. À semelhança de outros concelhos do interior, verificou-se na década de 70 e 80, com a emigração, uma diminuição da população, bem como um envelhecimento da mesma. A tendência é para a diminuição das suas gentes já que é uma região interior e profundamente agrícola, com carências industriais e pouco atractiva para a população jovem.

Freixo criou grandes artistas conceituados Guerra Junqueiro, Poeta dos “Simples”, grande coleccionador de antiguidades artísticas; Jorge Álvares, amigo de S. Francisco Xavier, o primeiro português a entrar na China; numerosos missionários e o Almirante Sarmiento Rodrigues.

A freguesia de Freixo de Espada à Cinta e até o próprio concelho podem considerar-se razoavelmente cobertos de infra-estruturas básicas e equipamentos sociais.



Ilustração 20 - Pelourinho, Torre heptagonal, Amendoeira e Estatua do Poeta Guerra



## **6.2.2 CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE FREIXO DE ESPADA À CINTA**

O Agrupamento Vertical de Escolas de Freixo de Espada à Cinta, foi criado, em Junho de 2001, é sediado na Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos, constituído por:

- 3 Jardins-de-infância (Freixo de Espada à Cinta, Lagoaça e Poiares);
- 1 Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico (Freixo de Espada à Cinta);
- 1 Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos (Freixo de Espada à Cinta).
- 1 Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico (Mazouco);
- 1 Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico (Fornos);
- 1 Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico (Lagoaça);
- 1 Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ligares);
- 1 Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico (Poiares);

Tendo as cinco últimas referidas encerrado no ano lectivo de 2004/2005 no caso de Mazouco e 2006/2007 para as restantes.

A criação do Agrupamento Vertical de Escolas veio permitir, por um lado, a criação de uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, e por outro lado, a construção de um projecto pedagógico/educativo comum, com vista a favorecer um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pelos vários níveis e ciclos de ensino, a superar situações de isolamento de estabelecimentos e prevenir a exclusão social, a reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que o integram e a racionalizar os recursos existentes.

Este Agrupamento de Escolas apresenta um grande empenho e dinamismo extra – curricular, pois na Escola Básica do 2º e 3º Ciclos funcionam quatro clubes, criados a partir dos interesses manifestados pelos alunos e das possibilidades da Escola em meios humanos e materiais. Estes clubes procuram, por inscrição voluntária, ocupar os tempos livres em actividades directa ou indirectamente relacionados com os conteúdos curriculares. São eles, o Clube de Desporto Escolar, o Clube da Música, o Clube da Ciência e a Oficina de Matemática. Além destes Clubes existem uma série de projectos que integram áreas diversificadas como o Ambiente, a Multimédia e Conteúdos Educativos, O dinamismo destes clubes/projectos deve-se, essencialmente, à coordenação eficaz do Docente responsável pelos mesmos.

### **6.2.3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E.B. 2,3 DE FREIXO DE ESPADA À CINTA**

A E.B. 2, 3 de Freixo de Espada à Cinta é a escola sede do agrupamento e está instalada em edifício ampliado e restaurado expressamente para tal fim.

Constitui-se por quatro blocos que se encontram ligados entre si por escadas e pequenos pátios interiores. No bloco A, com dois pisos encontram-se a maioria das salas de aula: no primeiro piso situam-se os Serviços Administrativos, a Reprografia, a Sala de



Ilustração 22 - E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta

Directores de Turma e o Gabinete da Direcção; no segundo piso, a Biblioteca Escolar, a Sala de Professores e para além de algumas salas de aula normais, a sala de Plano de Acompanhamento a Matemática, TIC, Laboratórios de Ciências e a Sala de Educação Visual. No bloco B, também com dois pisos, situa-se no primeiro o Polivalente dos alunos com bar, a papelaria e a sala multimédia. No segundo piso as Salas de Educação Visual e Tecnológica e a de Educação Tecnológica. O bloco C é composto pela cantina e uma galeria que ligados dois anteriores blocos. No bloco D encontram-se as instalações desportivas com um campo de jogos exterior e balneários.

O exterior apresenta grandes recreios e espaços para jardinar.

Nesta escola funcionam em regime diurno 9 turmas do ensino básico, desde o quinto ano ao nono ano, num total de 167 alunos. Tem como ofertas educativas cursos CEF, e em regime pós laboral EFA's de nível secundário.

O horário de funcionamento diurno é das 9:00 horas às 17:30 horas, e o pós laboral das 19:00 horas às 23:00 horas.

72,4% dos alunos desta escola residem em Freixo. Os restantes alunos residem nas freguesias do concelho e utilizam diariamente a rede de transportes públicos.

40% dos pais possui o 2º Ciclo, 34% possui o 1º Ciclo, 22% possui o Ensino Secundário e os restantes 4% pertencem aos pais que possuem Cursos Superiores e ainda aos que não possuem qualquer escolaridade.

A situação sócio-profissional dos pais é maioritariamente a agricultura, havendo também muitos casos de trabalhadores na construção civil.

A taxa de desemprego é quase nula.

A maioria das mães são domésticas.

## 6.2.4 PLANTA DO 1º ANDAR DA ESCOLA E.B. 2,3 DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

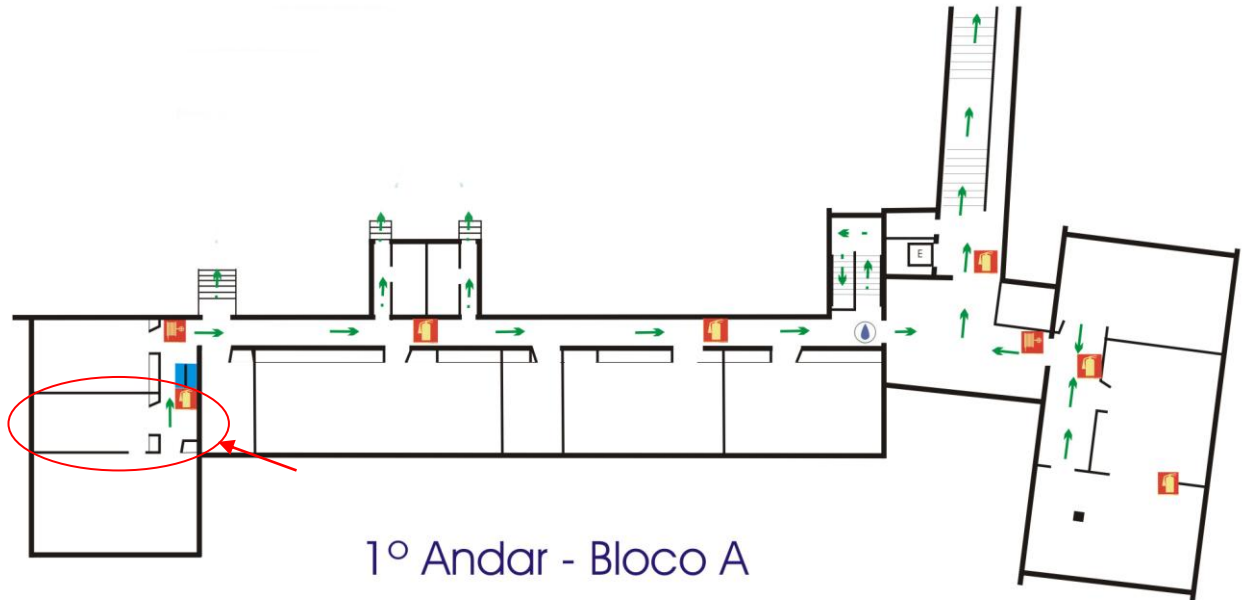


Ilustração 23 - Planta do 1º andar - Bloco A, da EB 2,3 de Freixo de Espada à Cinta

### 6.2.5 LOCAL ONDE SE VAI IMPLEMENTAR O ATELIÊ

O ateliê pretende ser implementado no Agrupamento de Escolas de Freixo de Espada à Cinta, na Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.

Após analisadas todas as salas existentes na escola, foi seleccionada uma sala do 2º piso, 1º andar, Bloco A, actual arrecadação da sala de Educação Visual (local assinalado com oval vermelha e seta).

A escolha recai sobre esta sala visto ser um espaço pouco utilizado com muitas potencialidades para ser utilizado, pois fica ao lado da sala de Educação Visual e da sala de apoio ao aluno, onde está uma professora da área da informática com seis computadores para pesquisa, possui ainda um grande número de manuais escolares que os alunos podem consultar, sempre que quiseres.

Mas a escolha desta sala para o ateliê deve-se também a possuir algumas condições, como luz natural, janelas, uma pia com água, e armários de arrumação.

### **6.3 PARCERIAS**

Vai ser elaborado um protocolo com a Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, a fim de esta patrocinar alguns equipamentos, espaços para exposições, transportes para eventuais visitas, em contrapartida o ateliê irá fazer trabalhos promovendo a vila, envolvendo os alunos nos usos e costumes da sua região.

O ateliê comprometer-se-á a realizar três exposições que terão como temática: as vindimas, onde os alunos irão acompanhar uma vindima e conhecer a adega cooperativa de Freixo de Espada à Cinta; Paisagens transmontanas, Freixo é uma vila com paisagens lindas e únicas os alunos terão a possibilidade de ir ao Penedo Durão e fazer um passeio no barco turístico da Câmara municipal onde os alunos recolherão fotografias das paisagens esplêndidas do Douro; a terceira e última exposição terá como temática Freixo vila Manuelina, os alunos irão através de uma gravura mostrar o manuelino de Freixo.

A Câmara ao elaborar a parceria com o ateliê ficará a cargo de comprar livros sobre gravura e impressão para os alunos poderem fazer pesquisas.

### **6.4 PÚBLICO-ALVO**

Este ateliê terá como destinatários alunos do Agrupamento de Escolas de Freixo de Espada à Cinta, da Escola E.B. 2,3 de Freixo de Espada à Cinta.

Os alunos, poderão participar desde que estejam matriculados no 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º ano, turmas A e B).

O ateliê estará aberto para os alunos acima supracitados desde que manifestem interesse pela área de exploração de Gravura e Impressão, que pertence à disciplina de Educação Visual, ou que nele queiram participar para desenvolverem as suas capacidades no campo artístico.

O número máximo de alunos para participarem no ateliê serão 24 alunos, sendo que serão feitos dois turnos.

### **6.5 OBJECTIVOS**

Pretende-se criar um ateliê para, dar resposta a um acrescido entusiasmo nos discentes, na disciplina de Educação Visual.

Deste modo o ateliê orienta-se para a utilização de metodologias e práticas inovadoras, procurando ir de encontro aos anseios, necessidades e desejos dos alunos.

O objectivo será uma valorização e/ou aquisição dos conhecimentos práticos e teóricos das técnicas de impressão, desenvolvendo uma abordagem experimental e analítica e visando uma maior e melhor exploração das técnicas de gravura e impressão.

Aspira que os alunos desenvolvam e experimentem técnicas funcionais, com uma constante troca de experiências no sentido da valorização dos processos ensino aprendizagem.

De realçar que se pretende também promover uma atitude crítica dos alunos em relação aos conhecimentos que vão sendo adquiridos, bem como procurar a articulação curricular entre as disciplinas e o conhecimento do meio envolvente.

## **6.6 ESTRATÉGIAS**

Elaboração da planificação do ateliê tendo em conta temas do interesse dos alunos e o conhecimento do meio envolvente;

Diversificação das modalidades de apoio (existência de um blog para partilha de saberes e colocação de dúvidas);

Exigência de rigor no uso da língua materna;

Realização de vários momentos de avaliação;

Incentivo à leitura de obras ligadas às artes visuais, especialmente gravura e impressão, para maior incentivo será realizado no ateliê um espaço que junte livros referentes a esta área de exploração;

Dinamização do ateliê através da participação em projectos nacionais;

Dinamização de projectos locais, envolvendo a comunidade educativa, por exemplo participação nos eventos Sopas & Merendas e Feira de Artesanato das Amendoeiras em Flor, realizando uma exposição com os trabalhos dos alunos, estes podem ser vendidos para angariação de fundos para aumentar a “biblioteca” de gravura e impressão;

Envolver além da Câmara Municipal, entidades locais e nacionais como parceiros, para desenvolver projectos diversificados e conseguir ajudas financeiras, para a aquisição de materiais e uma colecção de livros sobre as Técnicas de Gravura e Impressão;

Realizar várias Visitas de Estudo para os alunos conhecerem e se interessarem pelo conhecimento do seu meio envolvente.

## **6.7 METODOLOGIAS**

Pretende-se com este ateliê que os alunos tomem convivência com as mais variadas técnicas de gravura e impressão no sentido de as apreender e encontrar os processos mais adequados para as desenvolver, construindo alicerces para outras aprendizagens.

Visa o desenvolvimento de capacidades de interacção humana, atitudes e processos, clarificando valores e atitudes sociais.

Tem como aspiração o desenvolvimento da autonomia dos alunos para alcançarem um progresso, no processamento e organização de informações, através do desenvolvimento de processos de raciocínio.

As sessões teóricas serão os momentos para as várias técnicas serem ensinadas várias, seguir-se-ão de visitas de estudo e várias sessões práticas, onde cada aluno irá desenvolver a técnica, no final de cada técnica será sempre feita uma exposição no Auditório Municipal.

No fim do trabalho de cada técnica os alunos irão analisar e debater todos os sucessos e constrangimentos sentidos na elaboração do trabalho, possibilitando entre eles a partilha dos conhecimentos adquiridos.

## **6.8 AVALIAÇÃO DOS ALUNOS**

Os discentes serão avaliados com base num dossier que reunirá os materiais construídos e uma memória descritiva de cada técnica ensinada, no final os discentes deverão fazer uma reflexão final sobre a sua prestação no ateliê reflectindo sobre os sucessos e constrangimentos sentidos ao longo do ano lectivo.

Serão tidos em conta para a avaliação os aspectos afectivos, operativo e configurativo.

No aspecto afectivo serão tidos em conta os comportamentos, atitudes, valores bem como o interesse e a projecção do aluno no seu trabalho, também irá abranger vários aspectos como a assiduidade e a rentabilização do tempo de aula.

No aspecto operativo irão ser avaliados os meios e métodos de trabalho utilizados, será de crucial importância na avaliação o cumprimento dos prazos estabelecidos.

No aspecto configurativo existirá uma apreciação dos resultados do trabalho, tendo em atenção não apenas o resultado final, mas também as fases do seu desenvolvimento.

## **6.9 RESULTADOS ESPERADOS**

Pretende-se com este ateliê criar uma ligação entre os saberes da escola e conhecimento do meio envolvente.

Propõe-se criar relações interpessoais harmoniosas dentro e fora do meio escolar, será missão do ateliê criar nos alunos espírito de partilha e camaradagem tornando-os em jovens responsáveis para a sua vida futura.

A missão essencial será aumentar nos jovens entusiasmo e motivação para as artes plásticas e com isso possibilitar caminhos para novos desafios e projectos inovadores dentro do campo artístico.

## 6.10 MATERIAL NECESSÁRIO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO ATELIÊ

| Material necessário para o ateliê |  |
|-----------------------------------|--|
| Sala                              | Mesa em formica;<br>Cadeiras;<br>Lavatório com água;<br>Panos de limpeza;<br>Bancada em azulejo, para aplicação de tintas;<br>Computadores;<br>Armário para uma “biblioteca”;<br>Armário para secagem dos trabalhos impressos.   |
| Linogravura                       | Placas de linóleo;<br>Goivas em V e U;<br>Tintas de óleo<br>Rolo para espalhar a tinta na placa;<br>Prensa;<br>Papel para prova;<br>Papel com gramagem de 300 gr. (gramas).  |
| Calcografia                       | Chapas de cobre;<br>Butil;<br>Ponta-seca;<br>Tintas;<br>Rolo para espalhar a tinta na placa;<br>Prensa;<br>Papel para prova;<br>Papel com gramagem de 300 gr.  |
| Serigrafia                        | Quadro de madeira;<br>Nylon;<br>Agrafador para aplicar o tecido no quadro;<br>Mesa de luz;<br>Cola azul;<br>Pinceis;<br>Espátulas de metal;<br>Tintas de serigrafia;<br>Diluyente;<br>Raclete de impressão;<br>Desperdícios;<br>Papel para prova;<br>Papel com gramagem de 300 gr;<br>Secador para serigrafia. |

Tabela 16 - Material necessário para o ateliê

## **6.11 ORÇAMENTO DO MATERIAL A ADQUIRIR**

### **6.11.1 MATERIAL JÁ EXISTENTE NA ESCOLA**

| <b>Material</b>    | <b>Local de existência</b>  |
|--------------------|---|
| Mesa em formica    | material já existente na escola.  |
| Cadeiras           | material já existente na escola.  |
| Lavatório com água | material já existente no espaço escolhido.  |
| Panos de limpeza   | material pedido aos alunos.   |
| Bancada em azulejo | será pedido à Câmara Municipal parceira do ateliê que construa a bancada, não tendo gastos nesta construção a escola. |
| Computadores       | sempre que necessários serão requisitados na biblioteca escolar.  |
| Papel para prova   | material disponível para requisição na papelaria da escola.   |
| Ponta-seca         | material já existente na escola.  |
| Agrafador          | material já existente na escola.  |
| Pinceis            | material disponível para requisição na papelaria da escola.   |
| Espátulas de metal | material já existente na escola.  |
| Acetatos           | material já existente na escola.  |

Tabela 17 - Material existente na escola

### 6.11.2 MATERIAL PARA ADQUIRIR

| Material                                     | Preço     | Quantidade |            |
|--|-----------|------------|------------|
| Armário para biblioteca                      | 50 €      | 1          | 50,00 €    |
| Estantes para arrumação                      | 20 €      | 3          | 60,00 €    |
| Placas de linóleo (15 X 20 cm (centímetros)) | 2.15 €    | 30         | 64,50 €    |
| Goivas cabo fixo (conjunto de 6)             | 4.53 €    | 10         | 45,30 €    |
| Tintas de linogravura                        | 2.62 €    | 15         | 39,30 €    |
| Rolo para espalhar a tinta 20 cm             | 21.73 €   | 6          | 130,38 €   |
| Papel A3 com 300 gr (20 folhas)              | 8.46 €    | 10         | 84,60 €    |
| Chapas de zinco (10 X 15 cm)                 | 7.54 €    | 30         | 226,20 €   |
| Buril  | 12.72 €   | 12         | 153,00 €   |
| Quadro de madeira                            | 10 €      | 15         | 150,00 €   |
| Nylon 5 metros                               | 50 €      | 1          | 50,00 €    |
| Cola azul (1 litro)                          | 27.99 €   | 4          | 111,96 €   |
| Tintas de serigrafia (1 litro)               | 60.99 €   | 10         | 600,99 €   |
| Diluyente (5 litros)                         | 9.91 €    | 1          | 9,91 €     |
| Raclete de impressão                         | 45 €      | 12         | 540,00 €   |
| Desperdícios (2 kilos)                       | 4.90 €    | 2          | 9,80 €     |
| Prensa rotativa (52 cm)                      | 1842.67 € | 1          | 1.842,67 € |
| Suporte para a prensa                        | 240.61 €  | 1          | 240,61 €   |
| Grampos                                      | 25 €      | 6          | 150,00 €   |
| Mesa de luz                                  | 146.30 €  | 1          | 146,30 €   |
| Secador para serigrafia                      | 187.92 €  | 1          | 187,92 €   |
|  |           |            | 4.893,44 € |

Tabela 18 - Orçamento do material para adquirir

Os livros serão uma oferta da Câmara Municipal, será elaborada uma listagem com os livros pretendidos, no início do ano lectivo.

## 6.12 PLANTA DA SALA PARA O ATELIÊ

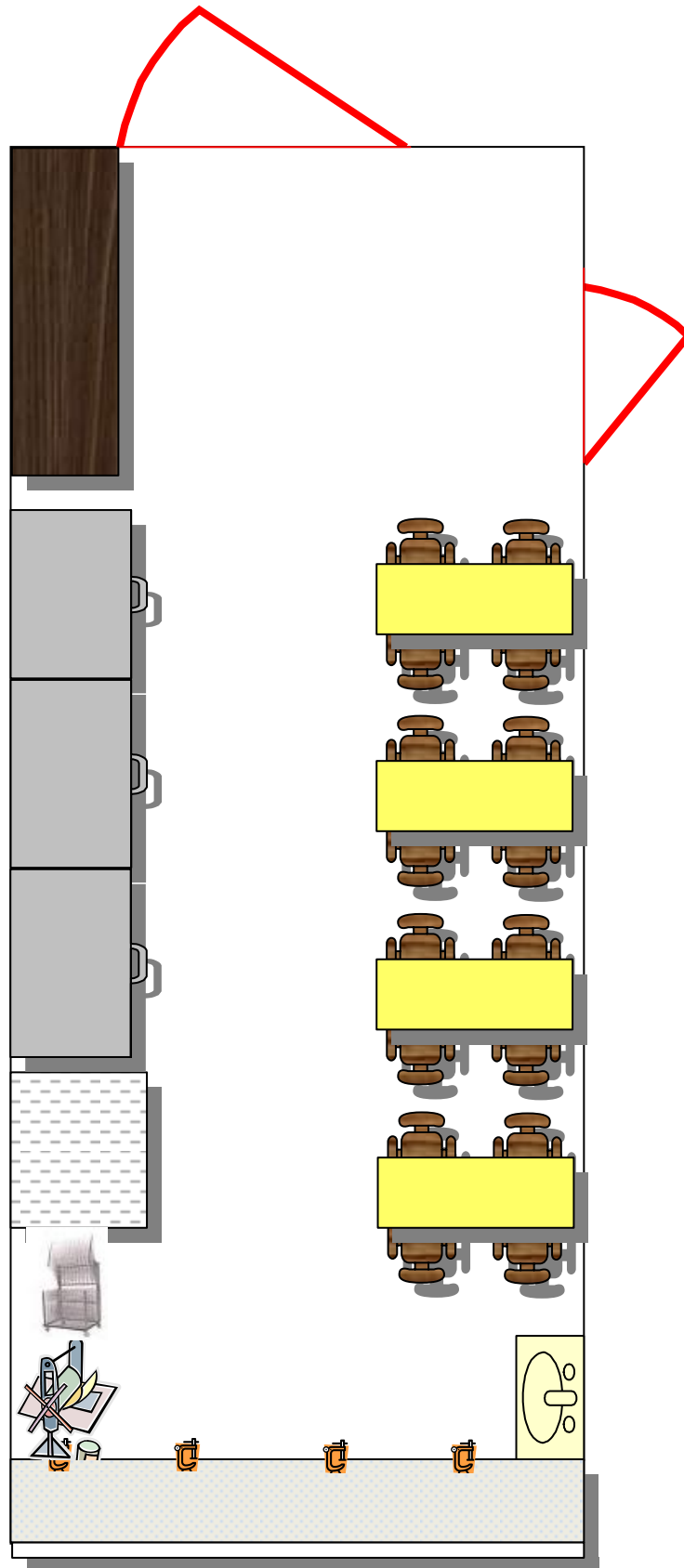


Ilustração 24 -Planta da sala para o ateliê

## Legenda do mobiliário




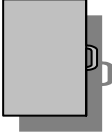


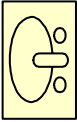
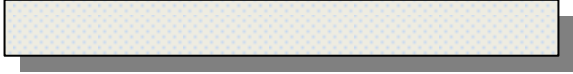





|   |   |
|---|---|
|    | Porta   |
|    | Armário biblioteca                                    |
|    | Mesa de luz   |
|    | Armário para arrumação de materiais                   |
|    | Mesas em fórmica                                      |
|   | Cadeiras  |
|  | Lavatório   |
|  | Bancada em azulejo para impressão                     |
|  | Janelas   |
|  | Grampos   |
|  | Prensa  |
|  | Armário para colação dos trabalhos na fase de secagem |
|  | Secador para serigrafia                               |

Tabela 19 - Legenda do material utilizado na planta da sala

### 6.13 PLANO DE ACTIVIDADES DO ATELIÊ

| Técnicas a desenvolver | Tipologia do trabalho   |
|------------------------|---|
| Linogravura            | <p>Apresentação da técnica – contextualização.</p> <p>Explicação, material necessário e cuidados de higiene e segurança.</p> <p>Esta técnica terá como temática as vindimas.</p> <p>Visita de estudo a uma vindima para recolha de fotografias.</p> <p>Visita de estudo à Adega Cooperativa de Freixo de Espada à Cinta.</p> <p>Projecto do trabalho a desenvolver.</p> <p>Escavagem do linóleo.</p> <p>Prova de impressão.</p> <p>Impressão.</p> <p>Avaliação do trabalho desenvolvido com reflexão crítica dos trabalhos.</p>   |
| Calcografia            | <p>Apresentação da técnica – contextualização.</p> <p>Explicação, material necessário e cuidados de higiene e segurança.</p> <p>Esta técnica terá como temática Paisagens Transmontanas.</p> <p>Visita de estudo ao Penedo Durão e passeio no Barco panorâmico da autarquia para recolha de fotografias.</p> <p>Projecto do trabalho a desenvolver.</p> <p>Gravação da paisagem com buril e ponta-seca.</p> <p>Prova de impressão.</p> <p>Impressão.</p> <p>Avaliação do trabalho desenvolvido com reflexão crítica dos trabalhos.</p>  |
| SERIGRAFIA             | <p>Apresentação da técnica – contextualização.</p> <p>Explicação, material necessário e cuidados de higiene e segurança.</p> <p>Esta técnica terá como temática “Freixo vila de história”</p> <p>Monumentos, o estilo manuelino: características.</p> <p>Visita de estudo aos principais monumentos de Freixo para recolha de fotografias.</p> <p>Projecto do trabalho a desenvolver.</p> <p>Tratamento da fotografia para passar para a tela.</p> <p>Passagem da imagem para a tela na mesa de luz.</p> <p>Prova de impressão.</p> <p>Impressão.</p> <p>Avaliação do trabalho desenvolvido com reflexão crítica dos trabalhos.</p> |

Tabela 20 – Plano de actividades do ateliê

## 6.14 PLANO DE TEMPO DO ATELIÊ

1º Período – 10 aulas previstas

| Out-10 |    |    |    | Nov-10 |    |    |    | Dez-10 |    |
|--------|----|----|----|--------|----|----|----|--------|----|
| 6      | 13 | 20 | 27 | 3      | 10 | 17 | 24 | 15     | 22 |
| A      | O  | O  | TP | P      | P  | P  | P  | O      | O  |

Tabela 21 – Plano de tempo do ateliê 1º período

2º Período – 14 aulas previstas

| Jan-11 |    |    |    | Fev-11 |   |    | Mar-11 |   |    |    |    | Abr-11 |    |
|--------|----|----|----|--------|---|----|--------|---|----|----|----|--------|----|
| 5      | 12 | 19 | 26 | 2      | 9 | 16 | 2      | 9 | 16 | 23 | 30 | 7      | 28 |
| T      | O  | O  | TP | P      | P | P  | O      | O | T  | O  | TP | TP     | P  |

Tabela 22 – Plano de tempo do ateliê 2º período

3º Período – 7 aulas previstas

| Mai-11 |    |    |    | Jun-11 |   |    |
|--------|----|----|----|--------|---|----|
| 4      | 11 | 18 | 25 | 1      | 8 | 15 |
| TP     | P  | P  | P  | P      | O | O  |

Tabela 23 – Plano de tempo do ateliê 3º período

Total de aulas previstas: 31 aulas

Legenda

A – Apresentação; T – Teórica; P – Prática; TP – Teórico Prática; O – Outros

Trabalho “As Vindimas” – Linogravura 10 aulas

Trabalho “Paisagens Transmontanas” – Calcografia 9 aulas

Trabalho “Freixo Vila de História” – Serigrafia 12 aulas

## **6.15 CALENDARIZAÇÃO DAS TÉCNICAS A IMPLEMENTAR NO ATELIÊ**

### **6.15.1 CALENDARIZAÇÃO DA TÉCNICA LIONOGRATURA**

| <b>Data:</b>   | <b>Actividades a desenvolver:</b>   |
|----------------|---|
| 06 Out. – 2010 | Apresentação<br>Contextualização de gravura e impressão   |
| 13 Out. – 2010 | Visita de estudo a uma vindima  |
| 20 Out. – 2010 | Visita de estudo à Adega Cooperativa de Freixo de Espada à Cinta  |
| 27 Out. – 2010 | Explicação da técnica de Linogravura<br>Materiais a utilizar<br>Regras de higiene e segurança com os materiais, no ateliê<br>Projecto do trabalho a desenvolver |
| 03 Nov. – 2010 | Escavagem do linóleo  |
| 10 Nov. – 2010 | Continuação da escavagem do linóleo   |
| 17 Nov. – 2010 | Conclusão da escavagem do linóleo   |
| 24 Nov. – 2010 | Prova de impressão<br>Impressão do trabalho final   |
| 15 Dez. – 2010 | Auto e hetero-avaliação do trabalho “As vindimas”<br>Montagem da exposição “As vindimas” no Auditório Municipal   |
| 22 Dez. – 2010 | Inauguração da exposição: “As vindimas”   |

Tabela 24 – Calendarização da técnica de Linogravura

### 6.15.2 CALENDARIZAÇÃO DA TÉCNICA CALCOGRAFIA

| CALCOGRAFIA | Data:          | Actividades a desenvolver:   |
|-------------|----------------|--|
|             | 05 Jan. – 2011 | Apresentação da nova proposta de trabalho<br>A calcografia, explicação da técnica<br>Materiais a utilizar<br>Regras de higiene e segurança com os materiais, no ateliê |
|             | 12 Jan. – 2011 | Visita de estudo ao Penedo Durão   |
|             | 19 Jan. – 2011 | Raide fotográfico no barco panoramico da autarquia   |
|             | 26 Jan. – 2011 | Escolha da fotografia para o trabalho final<br>Edição da imagem no computador  |
|             | 02 Fev. – 2011 | Passagem da imagem para a chapa<br>Garvação desta com buril ou ponta-seca  |
|             | 09 Fev. – 2011 | Continuação da gravação da imagem na chapa   |
|             | 16 Fev. – 2011 | Prova de impressão<br>Impressão do trabalho final  |
|             | 02 Mar. – 2011 | Auto e hetero-avaliação do trabalho “Paisagens Transmontanas”<br>Montagem da exposição “Paisagens Transmontanas” no Auditório Municipal                                |
|             | 09 Mar. – 2011 | Inauguração da exposição: “Paisagens Transmontanas”  |

Tabela 25 – Calendarização da técnica de Calcografia

### 6.15.3 CALENDARIZAÇÃO DA TÉCNICA SERIGRAFIA

|                   | Data:          | Actividades a desenvolver:   |
|-------------------|----------------|--|
| <b>SERIGRAFIA</b> | 16 Mar. – 2011 | Apresentação da nova proposta de trabalho: “Freixo vila de história”<br>A serigrafia, explicação da técnica<br>Materiais a utilizar<br>Regras de higiene e segurança com os materiais, no ateliê |
|                   | 23 Mar. – 2011 | Recolha fotográfica dos monumentos de Freixo: à Igreja Matriz de Freixo, à Torre heptagonal, ao Pelourinho e ao Convento São Filipe de Neri.<br>O estilo manuelino características               |
|                   | 30 Mar. – 2011 | Edição das imagens recolhidas  |
|                   | 07 Abr. – 2011 | Conclusão da edição da imagem do monumento escolhido<br>Preparação da tela (colocação do tecido no caixilho com agrafos)   |
|                   | 28 Abr. – 2011 | Passagem da imagem do monumento para a tela na mesa de luz<br>Colocação da cola azul de setencil para aplicação da 1ª cor  |
|                   | 04 Mai. – 2011 | Impressão da 1ª cor<br>Limpeza da tela   |
|                   | 11 Mai. – 2011 | Passagem da imagem do monumento para a tela na mesa de luz<br>Colocação da cola azul de setencil para aplicação da 2ª cor  |
|                   | 18 Mai. – 2011 | Impressão da 2ª cor<br>Limpeza da tela   |
|                   | 25 Mai. – 2011 | Seleção das provas de anulação e de edição<br>Numeração<br>Assinatura<br>Acondicionamento e arquivo do trabalho final  |
|                   | 01 Jun. – 2011 | Auto e hetero-avaliação dos resultados conseguidos no trabalho: “Freixo vila de História”<br>Montagem da exposição “Freixo vila de História” no Auditório Municipal                              |
|                   | 08 Jun. – 2011 | Inauguração da exposição: “Freixo vila de História”  |
|                   | 15 Jun. – 2011 | Auto-avaliação da prestação no ateliê<br>Pontos fortes e fracos do ateliê para um melhor funcionamento   |

Tabela 26 – Calendarização da técnica de Serigrafia

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### BIBLIOGRAFIA CITADA

- **Livros**

COSTELLA, Antonio. *Introdução à Gravura e História da Xilogravura*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.

FORTIN, Marie – Fabienne - O Processo de Investigação: da concepção à realização. 1.<sup>a</sup> edição; Lisboa, Lusociência, 1999, ISBN 972-8383-10-X.

GUEDES, António. *Apontamentos de História Geral da Arte II*. Universidade Aberta. 2006.

HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura – arte e técnica*. Porto Alegre: 1986.

PEDROSA, Sebastião. *Escrita e Imagem: cruzamentos possíveis*. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/ - Salvador, Bahia. 2009.

PIAGET, Jean. Como se desarrolla la mente del niño. In : PIAGET, Jean et alii. Los años postergados: la primera infancia. Paris : UNICEF, 1975.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes. 1996.

- **Edições do Ministério da Educação**

Educação, M. d. *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento da Educação Básica. 2001.

Educação, M. d. - *Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º Ciclo*. Departamento da Educação Básica: Lisboa. 2001.

- **Periódicos/ Revistas**

SALES, Aucides. *A Xilogravura Potiguar. Galante*. Natal, nº 2, p. 1 – 4: Scriptorin Candinha Bezerra/Fundação Hélio Galvão, 1999.

V. Sanz, E. Sánchez, E. Bou e M. Tirado; (1999) ***Cerâmica Industrial***. Instituto de Tecnología Cerámica; Asociación de Investigación de las Industrias Cerámicas; Universitat Jaume I. Castellón – España

WEISS, Luise; *Cadernos de gravura*, nº2, Novembro de 2003. Departamento de Artes Plásticas da Unicamp

- **Fontes electrónicas**

**Marshal Brain (2010)**. URL: <http://lazer.hsw.uol.com.br/litografia.htm> [acedido em 16/05/2010]

**Wikipedia Ateliê (2010)**. URL:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%BAdio> [acedido em 16/05/2010]

**Técnicas de Impressão – Gravura e Serigrafia Centro de formação Francisco Holanda (2010)**.

URL: <http://www.cf-francisco-holanda.rcts.pt/accoes/2001/accao6.htm> [acedido em 16/05/2010]

- **Fontes electrónicas – Imagens**

<http://www.prof2000.pt/users/dacc/monotopia1.htm> [acedido em 08/06/2010]

<http://aopsousamailcom.blogspot.com/> [acedido em 08/06/2010]

<http://www.ead.pt/blog/?p=268> [acedido em 08/06/2010]

<http://artecetera2.blogs.sapo.pt/1129.html> [acedido em 08/06/2010]

<http://linodamiao.blogspot.com/2007/06/linogravura.html> [acedido em 08/06/2010]

[http://www.fazfacil.com.br/artesanato/serigrafia\\_equipamento.html](http://www.fazfacil.com.br/artesanato/serigrafia_equipamento.html) [acedido em 08/06/2010]

[http://1.bp.blogspot.com/\\_VU4q66Wi5Y/SdpQqtGd3I/AAAAAAAAABw/nVf2ssyIGN4/s400/IMG\\_5739.JPG](http://1.bp.blogspot.com/_VU4q66Wi5Y/SdpQqtGd3I/AAAAAAAAABw/nVf2ssyIGN4/s400/IMG_5739.JPG) [acedido em 08/06/2010]

[http://www.craigscottgallery.com/?sec=2&sort\\_order=59&artist\\_id=4&picture\\_id=867](http://www.craigscottgallery.com/?sec=2&sort_order=59&artist_id=4&picture_id=867) [acedido em 08/06/2010]

<http://diegonovaes.blogspot.com/2008/12/lito-pra-que-te-queiro.html> [acedido em 08/06/2010]

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- **Livros**

AAVV. *História da Arte Portuguesa*. Paulo Pereira (coord.). Lisboa: Circulo dos Leitores. 1995.

ADHEMAR, Jean e CACHIN, Françoise. *Degas, Gravures et Monotypes*. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1972.

ALMEIDA, L. S. & FREIRE, T. *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios. 2003.

ARNEIM, R. *Consideraciones sobre la educación artística*. Barcelona: Paidós Estética. 1993.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica – história da imprensa brasileira*. V.1. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, A. *Arte-Educação: Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez Editora. 1997.

BARRETT, M. *Educação em arte*. Lisboa: Ed. Presença. 1982.

BARRY, A-M.S. *Visual Intelligence – Perception, image and manipulation in visual communication*; Nova Iorque, New York Press University. 1997.

BESSA, M., “Artes plásticas entre as crianças”, Rio de Janeiro, Livr. José Plympio Editora, Col. Didáctica Dinâmica, 1972.

BERGER, R. *Découverte de la peinture*. Lausanne: La Guide du Livre et Editions des Fauconnières. 1958

BEST, D. *A racionalidade do sentimento. O papel das artes na educação*. Porto: Edições ASA. 1996.

BOSCH, E. *El placer de mirar. El museo del visitante*. Barcelona: Actar. 1998.

BUTI, Marco. *Gravura em Metal*. Ana Leticia (org). A Gravação como Processo de Pensamento. São Paulo: EDUSP, 2002.

BRITES, Blanca e TESSLER (orgs). *O Meio como Ponto Zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CARDOSO, C e VALSSASINA H., M. M., “Arte Infantil, Linguagem Plástica”, Lisboa, Editora Meridiano, 1972.

- CARVALHO, Gilmar de. *Desenho Gráfico Popular*. São Paulo: IEB.
- COTTINELLI, T., "Linguagem Gráfica Infantil", Setúbal, Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Educação, 1994.
- CUENCA, F. e RODAO, "Como Desenvolver a Motricidade na Criança", Porto, Porto Editora, 1988, (tradução).
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- DANTAS, Jaime Hipólito. *A Imprensa em Mossoró*. Mossoró: Editora Comercial S/A, 1958.
- DEBIENE, Marie-Claire, "O Desenho e a Criança", Lisboa, Moraes Editores, 1977.
- DIDI- HUBERMAN, Georges. *L'Empreinte*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1997.
- GABEL, G.; Vimenet, C. "A criança criadora", Lisboa, Assírio&Alvim, Col. Nova Pedagógica/1, 1974, (tradução).
- GNDARA, I. *Desenho infantil. Um estudo sobre níveis do símbolo*. Lisboa: Texto Editora. 1987.
- GARDNER, H. *Arte, mente y cérebro. Una aproximación cognitiva a la creatividad*. Barcelona: Paídos. 1993.
- GHIGLIONE, R. & MATALON, B. *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora: 2003.
- GLOTON, R. E.; CLERO, C., "A Actividade Criadora na Criança", Lisboa, ed. Estampa, 1976.
- GONÇALVES, E., "A Arte Descobre a Criança", Lisboa, Raiz Editora, 1991.
- GONÇALVES, E., "A Pintura das Crianças e Nós", Porto, Porto Editora, 1976.
- GOODNOW, J., "Desenho de Crianças", Lisboa, Edições Salamandra, 1992.
- GONÇALVES, R. M. *A arte portuguesa no século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores. 1998.
- GOLOMB, C. *The child's creation of a pictural world*. Oxford: University of California Press. 1992.
- ECO, U. *A definição da arte*. São Paulo: Martins Fontes. 1981.
- EFLAND, A. *A history of art education. Intellectual and social currents in teaching the visual arts*. New York: Teachers College, Columbia University. 1995
- EISNER, R. *Educar la visión artística*. Madrid: Paídos Educador. 1972.
- FRANÇA, J-A. *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Livraria Bertrand. 1974.
- FROIS, J. P. et al. *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.
- FELDMAN, E.B. *Varieties of visual experience*. New York: Harry N. Abrams, Inc. Publishers. 1987.
- KOSCHATZKY, Walter. *Die Kunst der Graphik*. München: Deustcher Taschenbuch Verlag, 1997.
- LAMBERT, S. *El dibujo técnica y utilidad*. Madrid: Ed. Hermann Blume. 1985.
- LINDEN, Fons van der. *DuMont's Handbuch der Grafischen Techniken*. Köln: DuMont Buchverlag, 1990.
- LUQUET, G. H., "O Desenho Infantil", Porto, Civilização Editora, 1979.
- HOOPER-GREENHILL, E. *Museum, media, message*. London: Routledge. 1995.
- HUYGHE, R. *Os poderes da imagem: Balanço de uma psicologia da arte*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1965

- MATERO, A., "O Traço da Infância", Lisboa, Livros Horizonte, Col. B. E., 2005.
- MARTY, G. *Psicología del arte*. Madrid: Pirámide. 1999.
- MAYER, R. *Materiales y técnicas del arte*. Madrid: Hermann Blume Ediciones. 1993.
- MIDGLEY, B. *Guia completa de escultura, modelado y cerâmica, técnicas y materiales*. Madrid: Hermann Blume Ediciones. 1993.
- MOLES, A. A. *O kitsch: A arte da felicidade*. São Paulo: Perspectiva. 1975.
- MUNARI, B. *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70. 1993.
- NADAL, E., J. XAVIER "Educação estética, Ensino artístico e sua relevância na educação e na interiorização de saberes". *Pareceres e Recomendações* –Lisboa: Conselho Nacional de Educação.1998
- OREY, C. *A exemplificação na arte. Um estudo sobre Nelson Goodman*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e Tecnologia. 1999.
- PARSONS, M. *Compreender a arte*. Lisboa: Editorial Presença. 1992.
- PEREIRA, J, "O Desenho Infantil e O Ensino do Desenho na Escola Primária", Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.
- PONTY, M. *O olho e o espírito*. Lisboa: Veja. 1997.
- RODRIGUES, D., "A Infância da Arte, a Arte da Infância", Lisboa, Edições ASA, 2002.
- SABINO, I. *Pintura depois da pintura*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. 2000.
- SALVADOR, A., "Conhecer a Criança através do Desenho", Porto, Porto Editora, 1994.
- SENA, A. *História da imagem fotográfica em Portugal 1839 a 1997*. Porto: Porto Editora. 1998.
- STERN, A., "Uma Nova Compreensão da Arte Infantil", Lisboa, Livros horizonte, s/d.
- SOURIAU, E. *Vocabulaire d'esthétique*. Paris: PUF. 1990.
- SOUSA, R. *Didáctica da Educação Visual*. Lisboa: Universidade Aberta. 1995.
- STERN, A., "Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças", Lisboa, Livros Horizonte, Col. B. E. P. (tradução).
- STERN, A., "Iniciação à Criação Criadora", Lisboa, Sociedade Gráfica da Batalha, 1977.
- SCHOFIELD, J. Increasing the generalizability of qualitative research. In M. Hammersley (ed.). *Educational research: Current issues* London:Open University Press 1993.
- SCHÖN, D. A. *Educating the reflective practitioner*. New York: Jossey-Bass. 1987.
- SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações DomQuixote. 1992.
- SCHÖN, D. A. *El profesional reflexivo – como piensan los profesionales cuando actúan*. Barcelona: Paidós. 1993.
- SCHULMAN, L. *Those who understand: Knowledge growth in teaching*. Educational Researcher. 1986.
- SCHUMACHER, S. & MCMILLAN, J. *Research in education: A conceptual introduction* (3rd ed.). New York: Harper Collins. 1993.
- SECO, G. B. *A satisfação dos professores – Teorias, modelos e evidências*. Porto: Edições Asa. 2002.
- SHULMAN, L. *Paradigms and research programs in the study of teaching – A contemporary*

perspective. In M. Wittrock (ed.). *Handbook of Research on Teaching* (3rd ed.) New York: Macmillan Publishing Company. 1986.

SILVA, M. C. M. O primeiro ano de docência: O choque com a realidade. In T. Estrela (org.). *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora. 1997.

SILVA, T. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pósmoderna. *Educação, Sociedade e Culturas*. 1995.

SMYTH, J. Teachers' work and the labor process of teaching. Central problematics in professional development. In T. R. Guskey & M. Huberman (eds.) *Professional development in education: New paradigms and practices*. New York: Teachers College Press. 1995.

SPARKS, D. & LOUCKS-HORSLEY, S. Models of staff development. In W. R. Houston (ed.). *Handbook of Research on Teacher Education*. New York: Macmillan. 1990.

STAKE, R. The case-study method in social enquiry. *Educational Researcher*. 1978.

TEIXEIRA, M. (org.) *Ser professor no limiar do século XXI*. Braga: ISET. 2001.

TELMO, I. C. *O património e a escola*. Lisboa: Texto Editora. 1989.

VITERBO, F. M. de Sousa. *A Gravura em Portugal - Breves apontamentos para a sua história*: Proprietária e editora, a Real Associação; LISBOA; Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado: 1909.

WISNESKI, Kurt. *Monotype/Monoprint, History and Techniques*. New York: Bullbrier Press, 1995.

# APENDICES

 Questionário 

Este questionário insere-se no âmbito do curso de Mestrado de Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

Pretende ser um contributo para avaliar possíveis metodologias para a implementação e sensibilização da Área de Exploração, Técnicas de Gravura e Impressão, da disciplina de Educação Visual, do 3º ciclo do Ensino Básico.

Em segundo plano pretende observar uma possível solução para a implementação das Técnicas de Gravura e Impressão, na Escola E.B. 2, 3 de Freixo de Espada.

Desde já agradeço a disponibilidade e o rigor colocado nas respostas, garantindo em absoluto, sigilo e comprometo-me a disponibilizar os resultados obtidos.

**Assinala com X no quadrado correspondente, a alternativa de resposta que consideres mais adequada, preenchendo os espaços com cor.**

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## 1. Identificação pessoal:

1.1 Idade: \_\_\_ 1.2 Ano de escolaridade que frequenta: 7º ano  8º ano  9º ano

1.3 Sexo: Masculino  Feminino

## 2. Áreas de Exploração de Educação Visual, no 3º ciclo do Ensino Básico.

2.1 No que respeita às Áreas de Exploração, indica numa escala de 0 a 5, os que mais abordaste nas aulas de Educação Visual, (sendo que 0 corresponde a nunca e 5 a uma constante utilização).

|                     |                          |                    |                          |                 |                          |
|---------------------|--------------------------|--------------------|--------------------------|-----------------|--------------------------|
| Gravura e Impressão | <input type="checkbox"/> | Fotografia e Vídeo | <input type="checkbox"/> | Banda Desenhada | <input type="checkbox"/> |
| Escultura           | <input type="checkbox"/> | Pintura            | <input type="checkbox"/> | Desenho         | <input type="checkbox"/> |

## 3. Técnicas de impressão

3.1 Como classificas a necessidade da abordagem da Área de Exploração Gravura e Impressão numa escala de 0 a 5, (sendo que 0 corresponde a nenhuma e 5 a uma muito importante).

3.2 Para cada conceito escreve um sinónimo.



|             |                      |             |                      |
|-------------|----------------------|-------------|----------------------|
| Monotipia   | <input type="text"/> | Impressão   | <input type="text"/> |
| Carimbagem  | <input type="text"/> | Calcografia | <input type="text"/> |
| Linogravura | <input type="text"/> | Frottage    | <input type="text"/> |

3.3 Gostarias de frequentar um ateliê, com técnicas de impressão?

|     |                          |     |                          |
|-----|--------------------------|-----|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> | Não | <input type="checkbox"/> |
|-----|--------------------------|-----|--------------------------|

3.4 Das seguintes Técnicas indica numa escala de 0 a 5, as que mais gostarias de abordar num ateliê, (sendo que 0 corresponde a nunca e 5 a uma constante utilização).

|              |                          |             |                          |             |                          |
|--------------|--------------------------|-------------|--------------------------|-------------|--------------------------|
| Monotipia    | <input type="checkbox"/> | Frottage    | <input type="checkbox"/> | Carimbagem  | <input type="checkbox"/> |
| Colagrafagem | <input type="checkbox"/> | Linogravura | <input type="checkbox"/> | Calcografia | <input type="checkbox"/> |
| Xilogravura  | <input type="checkbox"/> | Serigrafia  | <input type="checkbox"/> | Litografia  | <input type="checkbox"/> |

 Obrigado pela colaboração. 

✿ Explicação de algumas técnicas de Impressão ✿

|                     |  |
|---------------------|--|
| <b>MONOTIPIA</b>    | Técnica muito simples e rápida, que apenas permita obter uma única prova. A pintura é realizada sobre uma superfície lisa húmida, por exemplo: vidro; azulejo; água; papel; com uma tinta gordurosa (que não seque rapidamente). Coloca-se uma folha sobre a superfície que contem a tinta e pressiona-se, para que ela absorva a tinta.   |
| <b>COLAGRAFAGEM</b> | Técnica de impressão em que se constrói, em vez de retirar materiais. Cria-se um desenho de baixo-relevo, colando materiais na superfície de uma folha de papel duro ou cartão. Pode usar-se uma enorme variedade de materiais texturados, desde tecidos rugosos, areia e cordel, até ervas, legumes e cereais secos. A colagrafagem texturada produz uma impressão em relevo, que constitui o espelho da superfície de baixo-relevo do original |
| <b>XILOGRAVURA</b>  | Técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. É um processo muito parecido com um carimbo.   |
| <b>FROTTAGE</b>     | Técnica surrealista, desenvolvida por Max Ernst, consiste no desenho de uma mancha sobre uma superfície texturada, através de um lápis de grafite ou de cor, ficando esta desenhada na folha de papel.   |
| <b>LINOGRAVURA</b>  | Técnica de gravura que se obtém escavando o linóleo (composto por cortiça pulverizada, óleo de linhaça e corantes sobre um suporte em tela de juta). O desenho é copiado, é escavado com goivas <sup>11</sup> , é tintado com um rolo e em seguida com ajuda de uma prensa vertical ou manualmente pressionando com um rolo limpo ou uma colher de pau, o desenho fica impresso na folha de papel.   |
| <b>SERIGRAFIA</b>   | A serigrafia ou silk-screen é um processo de impressão directa. A serigrafia permite obter várias cópias iguais de elevada qualidade visual e com um custo reduzido, utilizando um equipamento relativamente simples de construir.   |
| <b>CARIMBAGEM</b>   | Esta técnica consiste em fazer a imagem numa matriz, dar-lhe uma demão de tinta e, depois, pressioná-la sobre uma folha de papel, assim, permite fazer várias cópias de uma mesma imagem. O carimbo fica em alto-relevo.   |
| <b>CALCOGRAFIA</b>  | Arte de gravar em metal. Essa técnica utiliza chapas de cobre ou outros metais como matriz. A gravação pode ser feita directamente na placa com instrumentos como o buril <sup>12</sup> e a ponta-seca <sup>13</sup> ou pela corrosão com ácidos. Geralmente, a gravura em metal é usada para reproduzir desenhos de linhas finas e texturas.  |
| <b>LITOGRAFIA</b>   | Esta técnica envolve a criação de marcas (ou desenhos) sobre uma matriz (pedra calcária) com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Na litografia o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz.   |

<sup>11</sup> Goiva: instrumento de metal com ponta cortante de vários formatos, próprio para desbastar madeira e desenhar sobre ela.

<sup>12</sup> Buril: utensílio para fazer gravações.

<sup>13</sup> Ponta-seca: instrumento de ponta afiada próprio para fazer sulcos no metal.